

Site OHS – Depoimentos Históricos

Transcrição da entrevista completa

Projeto: História do Câncer - Atores, cenários e políticas públicas

Data: 22 de agosto de 2011

Depoente: Hélio Aguinága (HA)

Entrevistadores:

Laurinda Maciel (LM)

Letícia Pumar (LP)

Paula Habib (PH)

Local: Rio de Janeiro

Duração: 2h26min

Como citar:

DEPOIMENTO de Hélio Aguinága. **Site do Observatório História e Saúde – COC/Fiocruz.**

Depoimentos - História do Câncer. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em:

<<http://ohs.coc.fiocruz.br/biblioteca/depoimentos-historicos-historia-do-cancer/>>. Acesso:
dia de mês de ano.

Transcrição da entrevista completa

HA: ...Uma coisa que despertava neles uns ciúmes e coisa era o negócio do Pierre e da Marie Curie que tinham descoberto o Rádio e nunca quiseram ir para os Estados Unidos e fundaram o Instituto de radioterapia em Paris, que era a coisa mais adiantada que existia em matéria de câncer, de cura de câncer, de radioterapia. É o Instituto de radioterapia Pierre e Marie Curie, cujo diretor chamava-se **Reggo**. Era um sujeito de fama mundial. E os Estados Unidos não aceitava isso, e tinha um atraso em relação ao francês muito grande, na tecnologia do tratamento do câncer. Quando eu fui nos Estados Unidos em 1940, eles ainda estavam atrasados...

LM: O senhor foi logo depois da sua graduação, não é?

HA: É. Eu me graduei em 1939.

LM: É. O senhor foi logo depois.

HA: E eu fui no ano seguinte para Michigan, estive lá nos Estados Unidos, fiz um curso de pós-graduação e fiquei lá até 1950, depois da Guerra. Mas então eles estavam atrasados nisso, mas com o poderio americano de financeiro e tudo isso, eles iam comprando todas cabeças pensantes que surgiam no mundo, eles atraíam para os Estados Unidos não só oferecendo condições de trabalho ótimas, como salários também altíssimos e atingiram o que é hoje. A primeira condição tecnológica do mundo é do americano, botando o francês para trás. A única coisa que o francês fez para se vingar disso foi dizer os nomes americanos todos com pronúncia francesa. **(risos)** Eles dizem parking para não dizer parking. **(risos)** Eles afrancesam todos os nomes ingleses. É uma chance de vingança que eles têm.

Bom, e nessa coisa toda, eles ficaram para trás onde se fazia tratamento do câncer de colo que era no hospital de Baltimore eles faziam, mas ainda estava... Quando eu fui lá em 1940 eles ainda estavam atrasados na tecnologia.

E aqui no Brasil não se fazia, não havia nada em matéria de tratamento de câncer. Havia algumas pessoas que faziam, mas de uma forma empírica, sem conhecimento, não havia uma regulamentação, uma tecnologia apurada etc.

O Dr. Aguinaga que foi o chefe da enfermaria no Hospital São Francisco de Assis que, diga-se de passagem, nessa época, era o hospital de referência no Brasil inteiro. Não havia nada desses hospitais que hoje existem em São Paulo, no Rio de Janeiro. O Hospital São Francisco de Assis foi uma adaptação, que aquilo era um asilo de mendigos, foi feito uma adaptação...

LM: E transformou-se num hospital.

HA: Transformou-se num hospital. E nessa coisa toda, ele teve uma união muito forte com Manguinhos, com... E instituiu uma coisa que era fundamental que até hoje não existiu. Todo paciente que morria no hospital assinava um termo na entrada que em caso de morte podia se fazer autópsia sistemática. Então, o hospital São Francisco de Assis tinha uma câmara para autópsia no fundo que era feita...

LM: Pelos alunos do curso de...

HA: Pelo Instituto de Manguinhos e toda anatomia patológica...

LM: Curso de Aplicação.

HA: De câncer etc, tudo era feito em Manguinhos tiravam-se as biópsias, mandava-se à Manguinhos e fazia. Havia, portanto, uma comunicação muito grande nesse sentido. E o doutor Aguinaga que era o chefe da 8ª Enfermária que assumiu, começou a interessar-se pelo assunto.

LM: Esse doutor Aguinaga era o seu pai?

HA: Meu pai, que era o chefe da enfermeira.

LM: Certo.

HA: Ele é que era o chefe da enfermária.

LM: A gente quer gravar isso tudo. (Rindo todas concordam) A gente quer gravar isso tudo.

PH: A gente quer gravar tudinho. (rindo)

HA: Mas eu estou dando uma noção a vocês. Eu repito tudo outra vez. (risos)

PH: Então está bom. (risos) Então está ótimo.

HA: Vocês só pagam a primeira vez.

LP: Só. (risos)

LM: Aí seu pai que era o chefe desta 8ª Enfermária.

HA: O São Francisco... Tem coisas nesse Brasil que vocês nem acreditam. O hospital São Francisco foi transformado, era um asilo para mendigos, foi transformado em hospital, e foi nomeado todos os médicos que tinham certa projeção naquela época, como chefe de serviço.

Não havia concurso nem nada, o governo é que nomeava. E abriu-se o hospital e foi nomeado para chefe de uma das enfermarias o Nabuco de Gouveia e acontece que o Nabuco de Gouveia era deputado federal, e como deputado federal ele não podia ter nenhum emprego porque a Constituição não permitia.

LM: Não permitia você acumular.

HA: Não permite. Então qual foi a solução? Trabalhar de graça. Então todos os médicos do hospital trabalharam de graça a vida inteira. Trabalharam de graça. Os médicos, os assistentes, tudo. Só o pessoal secundário é que recebia, está compreendendo? Bom, então havia essa ligação com Manguinhos lá e o Doutor Aguinaga começou a se interessar pela questão do câncer no colo feminino que ninguém fazia coisa nenhuma, estudou o assunto muito grande, estabeleceu um relacionamento com a clínica Pierre Curie e Marie Curie e com o diretor, que era o **Reggo**. Ficaram amigos íntimos.

LP: Ah é?! Eles eram amigos? Eles mantinham contato?

HA: Ah! Eles ficaram muito amigos.

LP: O senhor tem cartas? O senhor tem cartas entre eles, correspondência, não?

HA: Bom, tudo isso eu dei agora a pouco tempo... para a doutora lá de Manguinhos, a Dra. Viegas. Ah! Vocês se conhecem.

LP: Como é o nome dela?

HA: Célia. Célia Viegas. Ela é médica de lá.

LP: Ah, ela é médica. Então é de outra unidade.

HA: Ela é radioterapia.

LP: Ah! Então esses documentos estão com ela?

LM: Gente, esse documento tinha que estar na Casa de Oswaldo Cruz!

HA: Então, eu dei a ela. O Dr. Aguinaga publicou em 1920 e poucos um livro sobre câncer de colo uterino, depois ele publicou outros, essa coisa toda. Acontece que eu estou com 96 anos, daqui a pouco estou fazendo uma viagem sem volta. **(risos)**

LM: O senhor está fazendo biscoitinhos para a viagem? (risos) A minha avó é que falava assim: “Eu já estou é fazendo biscoito para eu viajar.” (risos) Não fala assim não que o senhor...

HA: Esse negócio de ter medo da morte é uma coisa que foi instituída porque é sobrevivência, o homem não se convence... que a morte é uma coisa inevitável, então ele quer sobreviver, então fica com esse medo da morte porque ele não sabe o que se vem do outro lado e fez disso a base de todas as religiões. Todas as religiões o que oferecem? Uma vida depois da morte, está compreendendo? Que atua então numa certa... A morte é uma coisa natural que a

gente tem que encarar. **(frase inaudível)** Mas eu estava contando então... Eu estava contando então... O que eu estava... Na parte?

LP: O senhor estava falando...

LM: Da relação do Aguinaga com o Instituto...

LP: Do seu pai com esse Instituto de Radioterapia em Paris.

HA: Então não havia nada.

LM: Que ninguém nunca se interessava por câncer de colo feminino e ele... (Falam juntos)

HA: E ele começou a se interessar estudando o assunto, está compreendendo? Publicou um folhetozinho, que distribuía entre as mulheres, dizendo que...

LM: De informação, não é? Dando informação sobre a doença.

HA: Fazendo uma propaganda, de como é que elas deviam fazer, o que era o câncer de colo, essa coisa toda etc. o que faz com que o serviço de ginecologia do São Francisco, que o Dr. Aguinaga passava às quintas-feiras inteiras era tratando as mulheres de câncer de colo uterino, graças também à boa vontade da faculdade de medicina e o Instituto de Dermatologia que tinham os tubos de rádio. Você sabe o que são os tubos de rádio? O Rádio vem, mas vem... o Rádio é uma coisa que ele emite radiação que são nocivas. Então eles têm um tubo de preventivo, de coisa, de chumbo... Você está compreendendo? Para você... Então o serviço, o São Francisco não tinha, mas a Faculdade de Medicina e o serviço de dermatologia emprestaram, tinha o rádio que eles faziam na pele, emprestavam para nós fazermos então a aplicação nas mulheres de câncer de colo uterino. Graças principalmente ao Airton Teixeira que era um dos funcionários de lá que fornecia todas às vezes que nós estávamos, os tubos de rádio para fazer as aplicações. E começamos a fazer com o **Reggo** quando vinha ao Brasil... Ah, o que eu ia contar a vocês... Que você falou o negócio do livro... Quando ele vinha ao Brasil ele ia lá ao serviço e ficava lá no serviço e há um aspecto interessante no Dr. Aguinaga, ele detestava fumo.

LM: Fumo?

HA: É. Ele não fumava. E apesar dele nunca ter imposto isso aos seus assistentes, ninguém fumava na frente dele.

PH: Os franceses fumam para caramba, e aí?

HA: E o **Reggo** fumava. **(rindo)** E ficava fumando um atrás do outro, com aqueles cigarros franceses horrorosos, está compreendendo? E a turma e ele aguentavam firme. Bom, mas como tudo isso... Havia essa coisa toda e então começou-se... E vinha gente de fora.

LP: O senhor sabe quando foram essas visitas dele?

HA: 1925. Você não era nascida ainda.

LP: 1925?! **Gente, isso é muito bom.**

HA: Publicou, ele publicou um livro sobre câncer de colo uterino, depois ele publicou os resultados. Bom, esses livros eu tinha e dei...

LM: **Deu para essa doutora que o senhor falou.**

HA: Para essa doutora, porque mais um pouco eu morro e isso tudo aqui desaparece. Porque os filhos eu não tenho nenhum filho médico, só tenho duas filhas que são enfermeiras formadas lá pela Ana Nery.

LM: **Não tem nenhum historiador na família?**

HA: Nenhum o que?

LM: **Historiador, nenhum arquivista? Nada?**

HA: Nada.

LP: **Mas o senhor doou então para ela? Estão com ela todos esses documentos?**

HA: Então eu doei.

LM: **A gente tem que ligar pra essa mulher.**

LP: **Eu vou procurar ela.**

HA: E está com ela, com a doutora. Você procura. Ela tem lá um livro dele que foi publicado em 1920 e poucos, 25... Foi 20 e poucos.

LM: **É Célia Gurgel o nome dela?**

LP: **Viegas.**

HA: Eu lhe eu dou o nome dela.

E1: **Ah, se puder pegar o nome dela.**

HA: Quem é que mandou vocês aqui, não foi ela?

LM: **Não, foi a Letícia.**

PH: **Letícia Casado que é muito amiga da sua filha Estela.**

HA: Ah! A minha Estela... A Estela a minha filha enfermeira.

PH: **Exatamente.**

HA: Ela é enfermeira. Hoje em dia ela é assessora das Nações Unidas e faz a campanha anti cigarro, anti tabaco.

PH: Ih! Que legal! Por isso que ela é amiga da Leticia Casado, Porque a Leticia Casado dentro do INCA também trabalhou com a campanha do Tabagismo.

HA: Hoje ela viaja o mundo inteiro porque ela fala várias línguas, ela casou-se... ela mora em São Francisco. Casou-se com um americano que, aliás, é uma ótima criatura e continua trabalhando na Organização Mundial da Saúde como assessora e ela é designada para ir, viaja o mundo inteiro representando a organização. Já veio aqui no Brasil várias vezes nessa campanha de fumo, essa coisa. Tem uma outra filha, são duas filhas, uma outra também que é assessora em matéria de saúde pública que viaja mais para África. Hoje ela está na Etiópia.

LM: Olha!

HA: E a Estela está lá na China.

LM: Nossa Senhora! (risos)

PH: Suas filhas são chiques. (risos)

LM: É. (rindo) O senhor só tem duas filhas?

HA: Eu e da minha mulher, somos 36 pessoas.

LM: Como?!

HA: Se eu tenho 19 netos... 8 filhos.

LM: 8 filhos?! Caramba! (Risos)

LP: A família é grande.

HA: Eu vou mostrar a vocês.

LM: A foto? Caramba! E para reunir todo mundo, hein, Dr. Hélio? Deve ser um sufoco! Está filmando? Eu passei na frente.

LP: Não, mas não é nada, é só informação. São muitas informações importantes, não é?

LM: É.

HA: Aqui está uma amostrinha da família...

LM: Uau!

HA: São 37, estão faltando... Aí está faltando, a Lia tem todos os retratos.

LM: Chique! Caramba, é muita gente Dr. Hélio. (rindo)

HA: Aqui são só os filhos.

LP: Família bonita hein?

PH: É bonita mesmo.

LM: Família linda. (risos)

HA: Aí não estão todos não.

LP: Mas imagina a festa de família. Natal é um festão.

HA: Então, o professor **Puei** que era professor de ginecologia em Montevideú, vinha fazer estágio lá no serviço São Francisco, está compreendendo? E todos esses médicos... Não havia Instituto... Mário Kröeff, o Hospital do Câncer, isso veio muito depois. Eu estive na reunião que se fundou...

LP: O Instituto de cancerologia?

HA: ...O Hospital Mário Kröeff.

PH: Ah é?!

HA: Lá como o **(nome)**, discutiu-se, etc. fundou-se o Hospital Mário Kröeff. Não havia Instituto de Cancerologia, nada disso. Isso veio muito depois.

LP: Veio depois, não é?

LM: Muito depois.

HA: Já estava cansado.

LP: Então seu pai foi um dos pioneiros?

HA: Bom, eu pioneiro não! Pioneiro foi o meu pai.

PH: Seu pai.

LP: Sim, seu pai.

HA: Meu pai. Ele que foi pioneiro nessa coisa toda. Eu vim na...

LP: E o senhor foi fazer medicina por que Dr. Hélio?

HA: Eu acho que pela influência do meu pai que era médico, está compreendendo? E eu vendo a vida dele. O que mostra que a burrice é hereditária. **(risos)** Porque não há carreira mais gratificante... Vou começar pelo lado positivo: não há carreira mais gratificante do que a medicina. E também não há mais carreira sacrificada do que a medicina, o sujeito é obrigado a estudar a vida inteira.

LM: É verdade.

HA: Compreendeu? E convivendo com a pessoa humana.

LP: É uma responsabilidade.

HA: Que é uma das coisas mais difíceis, mais difíceis do mundo, principalmente no meu tempo. Hoje em dia com esse negócio de Instituto etc, o sujeito não tem o número nem nada, mas no meu tempo você tratava da doença e da pessoa do doente, as duas coisas eram importantíssimas para isso, você tinha que ver isso. E o segredo da boa medicina é esse, é você saber tratar da doença e da pessoa do doente porque são coisas diferentes, mas muito importantes. Hoje em dia os sujeitos não sabem nem é quem está tratando deles. Eles entram no instituto... Porque a medicina também... não é?

LM: Mudou muito, não é?

LP: Mudou a medicina.

HA: Muito, não pode ser mais... etc.

LM: A medicina mudou muito. Ela está menos humana num certo sentido.

HA: Ah! Muito menos humana. Muito menos humana.

LM: Está mais tecnicista e menos humana. Isso tem coisas boas e coisas ruins.

HA: Pois é, porque o médico, principalmente o ginecologista e obstetra tratando-se que pelas suas contingências profissionais ele entra numa intimidade na vida da mulher que muitas vezes sabe de coisas que ela não conta nem ao padre, está compreendendo? Então precisa haver um equilíbrio muito grande sobre esse aspecto de você saber fazer uma triagem dessa coisa toda, está compreendendo? E essa é a grande... Agora deixa eu... Porque eu sou um sujeito que não tenho muita vaidade não, a única vaidade que eu tenho é uma vaidade profissional, está compreendendo? Eu já estou afastado da clínica há muitos anos, mas a coisa que me envaidece é como, por exemplo, na semana passada eu recebi um telefonema de uma senhora: “Dr. Hélio eu sou nora da fulana de tal, ela está com 95 anos, está com muita saudade sua, quer conversar com o senhor”. **(risos)** Isso você não calculam, isso é uma compensação profissional enorme, não é?

Ou então uma outra que me telefonou, eu não fiquei sabendo o nome, disse: “Dr. Hélio eu estou muito mal. Estou desenganada, estou com câncer generalizado etc., estou de cama e os médicos me dão poucos meses de vida, então eu estou telefonando para todas as pessoas que eu acho que me fizeram algum bem na vida, e o senhor foi uma delas. Então eu estou telefonando para me despedir.”

Vocês não imaginam a vaidade profissional que a gente fica dessas coisas. Bom, mas não é esse o assunto. Deixa eu... **(risos)** Bom, então vocês já têm uma idéia do serviço. Aqui vocês têm um livrinho que fala sobre o Dr. Hélio Aguinaga.

LM: Sobre o seu pai. Porque o senhor chama o seu pai de Dr. Aguinaga?

HA: Pelo seguinte...

LM: Por que tudo mundo chamava ele assim?

HA: Talvez por uma distorção da posição porque eu como filho dele trabalhando com ele: “Papai...”

LP: Ah! Não dá, não é? (risos)

HA: Então eu o chamava de Dr. Aguinaga como todos os outros, que ele era um homem muito rígido nas coisas dele, católico fervorosíssimo e levava as coisas... Eu nunca vi ninguém com uma fé tão intensa como ele tinha. E um pouco radical. Isso talvez fosse o único defeito que eu encontrei nele nas suas posições. Ele era muito radical. Ele não admitia, por exemplo, esse negócio de hoje em dia de casamento, de coisa, de fora... Como é? Vocês sabem, não é? A moça sai (inaudível) com o rapaz: “Ficou com fulano.” (risos) “Ficou.! Existe uma palavra que no meu tempo havia no vocabulário que hoje não existe mais, que chamava-se amante. “Fulana é amante de fulano.” Hoje não, é namorada. (risos)

LM: Amasia, amasia, não é? Tem gente que usa amasia.

HA: Não! Amasia? Não é isso não. Hoje é namorada.

LM: Namorada, é. Hoje em dia... (rindo)

HA: Vocês fazendo essa coisa aí, então agora viram, vamos ver quais são os pontos que interessam.

LP: Tudo.

PH: Então espera aí. Deixa eu focar para poder filmar direitinho.

LP: Mas essa história do seu, depois como o senhor começou a trabalhar com ele, isso tudo é interessante para gente, muito. Muito mesmo.

HA: É? Muito bem.

LP: Essa questão que o senhor falou dos Estados Unidos e da França, isso é bem interessante?

HA: Será que vale a pena?

LP: Vale! Vale sim, vale muito a pena.

LM: Vale sim, com certa absoluta.

LP: Para a gente entender esse momento, entendeu? Essa medicina daquele momento. É super interessante.

(Ajustando detalhes com todos para a filmagem – cerca de 5 minutos)

HA: Isso é a pergunta que vocês vão fazer ou o quê?

LP: Mais ou menos. É um roteiro. É só um guia para a gente...

LM: Ter uma ideia.

HA: Bom, então vamos fazer aquela introdução que eu falei a respeito da parte científica dos Estados Unidos pra França que... para começar, para fazer...

PH: Deixa eu só falar uma coisinha. Entrevista com o Dr. Hélio Aguinaga, dia 22/08/2011.

HA: A primeira coisa que nós temos que focar era a mudança da liderança das pesquisas científicas no mundo. Na época da década de 1930, 40, ainda quem comandava muito isso no mundo era o francês, a pesquisa dos cientistas franceses. Tanto assim, que na escola de medicina todos os livros eram em francês. O americano ainda não tinha o poderio que ele tem hoje em matéria de ciência porque... ele depois adquiriu com a sua base econômica e financeira, ele adquiriu uma projeção que hoje tem o primeiro lugar. Mas sobre esse aspecto que interessa no momento, a França estava na frente com a descoberta do Rádio, de Pierre e Marie Curie, e que eles fundaram na França um instituto de radioterapia Pierre e Marie Curie, cujo diretor era o professor **Reggo**. Esse instituto era dedicado ao uso tecnológico e curativo do rádio e especialmente do colo feminino, rádio de colo do útero, colo cervical. E esse desenvolvimento foi feito no Brasil e não havia nada ainda estabelecido regularmente na questão do tratamento do câncer. Havia algumas pessoas interessadas, mas que fazia isso aleatoriamente, sem uma regra científica direita. O Dr. Aguinaga, que era o chefe da 8ª Enfermaria do Hospital São Francisco de Assis, que tinha uma ligação muito grande com o Instituto de Manguinhos, o Instituto...

LM: Oswaldo Cruz.

HA: Oswaldo Cruz, ele se interessou pelo assunto, começou a estudar profundamente essa coisa do câncer feminino e fez uma amizade com o diretor do Instituto de Paris, **Reggo**, que tinha toda uma técnica desenvolvida no sentido disso. Inclusive com aparelhagens, **colposcópio**, desenvolvidas nesse sentido, que tornou-se um amigo muito grande do Dr. Aguinaga com artigos dedicados ao Dr. Aguinaga. E ele mesmo todas às vezes que vinha ao Brasil passava o tempo todo dele na 8ª Enfermaria do hospital São Francisco de Assis vendo o serviço de tratamento do câncer feminino que se realizava todas as quintas-feiras, com a presença do Dr. Aguinaga, durante o dia inteiro examinando as novas clientes, e as clientes antigas também. Isso era possível, esse tratamento pela radioterapia, pela boa vontade do diretor da faculdade de medicina, e também do instituto de dermatologia da universidade... universidade não existia naquela época...

LM: Era a Universidade do Brasil.

E1: Ainda não tinha.

PH: Ah não! Década de 20? Não.

HA: Do Brasil. Do Brasil. Depois é que passou a ser Universidade, muito tempo depois. E fornecia os tubos de rádio para fazer aplicação nas mulheres e o Hospital São Francisco de

Assis, o serviço de ginecologia tornou-se um centro de referência para esse estudo, porque não havia nada no Brasil. Não havia instituto de câncer, não nada desse hospital do câncer, nada dessas coisas. E tanto assim que médicos, por exemplo, professor **Puei** que era de Montevideu vinha ao Rio de Janeiro fazer um estágio e ver como se fazia no hospital São Francisco de Assis. E quando começou o problema da radioterapia do Brasil, muitos dos professores, dos médicos que trabalhavam lá estagiaram durante um certo tempo no São Francisco para aprender como é que se fazia o tratamento porque nós éramos... O Hospital São Francisco de Assis era pioneiro nesse assunto, como o Dr. Osolando Machado que trabalhou... E mais, muitos outros mesmo de lá.

O São Francisco de Assis sempre teve uma ligação muito estreita, toda a parte de anatomia patológica que era feita no São Francisco, era feita através do instituto de Manguinhos que fazia toda essa parte. Inclusive um aspecto muito interessante na Fundação do Hospital São Francisco de Assis que ficou escrito nos seus estatutos que toda paciente que falecia no hospital deveria forçosamente ser submetida a uma autópsia que era feita pelo Instituto de Manguinhos. Isso figurava nos regulamentos do hospital. E no fundo do hospital havia um necrotério onde se faziam essas autópsias que eram feitas pelo pessoal de Manguinhos. E nisso então se envolveu o Dr. Aguinaga em 1920 e poucos, 25, 26 escreveu um livro sobre o tratamento colo uterino e depois, 10 anos depois, tornou a escrever outro livro, dentre os muitos que escreveu, dizendo os resultados. Inclusive ele foi o pioneiro no tratamento do câncer do colo das mulheres grávidas que naquele tempo a mulher grávida que aparecia com câncer tinha que fazer imediatamente o aborto e uma operação nela.

LM: Nossa!

HA: O Dr. Aguinaga desenvolveu uma tecnologia que...

LM: Para não precisar abortar?

HA: Que ela não precisou abortar e fez-se em muitas mulheres lá e acompanhou-se durante anos esses produtos, essas crianças que nasceram depois da aplicação de rádio que era feita de uma maneira toda especial, técnica desenvolvida por ele, e que nunca mostraram nenhum sinal em consequência da aplicação de rádio.

LM: Da radioterapia. Que bom!

HA: Então mais tarde, evidentemente foi fundado o hoje hospital chamado Mário Kröeff devido ao médico Mário Kröeff que era do Rio Grande do Sul, médico gaúcho, amigo íntimo do Getúlio e que deu a ele as condições financeiras dele montar o hospital e aí começou o Instituto de Câncer a se desenvolver; evidentemente hoje são os líderes que lideram esse assunto do tratamento de maneira muito eficiente no Brasil inteiro. Quero dizer (**tosse**) a iniciativa tecnológica da medicina sofreu uma mudança hoje em dia, o centro médico de referência é São Paulo.

LM: O senhor quer uma água?

HA: (tosse) (interrupção – Será servida água para ver se ele melhora do engasgo)

A doutora, eu dei essa coisa toda, porque o que eu via que eu morrendo isso ia ser jogado por aí, desaparecia, essa coisa toda. A doutora... eu tenho o nome dela aqui.

LP: Célia Viegas.

HA: Célia Maria Paes Viegas, ela é do INCA.

LM: Ah, ela é do INCA?!

LP: Ah, do INCA.

PH: Ah!

HA: Do serviço de radioterapia.

LP: Ah tá!

LM: Então isso deve ir parar na biblioteca, não é gente?

LP: Não necessariamente, deve estar no serviço.

HA: Eu dei à ela não só o livro do Dr. Aguinaga, mas os artigos do Regô dedicados ao Dr. Aguinaga; o Regô era uma figura máxima internacionalmente em matéria de colo do útero.

LM: Como era o pré-nome dele, o senhor lembra?

HA: Ah! Não me lembro. Todo mundo chamava professor Regô, Regô, Regô.

LM: Então ele tinha uma amizade com o Dr. Aguinaga.

LP: Eles tinham uma amizade?

HA: Ah, quando ele vinha ao Brasil ele se instalava lá no São Francisco e acompanhava as mulheres de câncer, essa coisa toda.

LP: Na década de 20, não é? .

HA: Nessa época ele vinha aqui. E vinham médicos, como eu já disse antes, o São Francisco era o foco...

LM: Referência, não é? Era a referência.

HA: Referência de tratamento, não só para médicos do Brasil como até do estrangeiro, como eu citei, professor Pueti que era um professor de ginecologia no Uruguai ele vinha e quase que de 2 em 2 anos e passava um tempo no São Francisco vendo a tecnologia e o que nós fazíamos em matéria de câncer, mas isso tudo também só foi possível pela associação do suporte que a Fiocruz, que o Instituto de Manguinhos deu a essa coisa toda, porque sem ter uma infraestrutura de análise patológica que era toda feita em Manguinhos não teria sido possível, porque para fazer o tratamento é necessário que faça-se uma biópsia, que faça-se o

diagnóstico do tipo do tumor, porque tudo isso tem influência na espécie de tratamento que tem que se fazer. Então fez-se isso com seguramento o resultado. Depois que foi feito o instituto de câncer e o instituto de rádio eles não permitiram por lei que se fizesse mais nada fora do âmbito, do controle. O que eles têm certa razão porque o rádio é uma coisa perigosa de se manusear. E não pode ser feito por qualquer um. Então proibiram que nós continuássemos a fazer o tratamento por rádio e cessou-se, mas nessa época também o São Francisco foi fechado por o Hospital universitário abriu e fechou.

LP: Quando foi mais ou menos?

LM: Que fechou.

HA: Quando abriu o Hospital Clementino Fraga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que foi lá para o Fundão. E o São Francisco desapareceu como... la desaparecer como hospital, já estava programa para ser demolido, mas como nós fizemos um certo movimento ele continua. E agora...

LM: Mas está num estado lamentável, Dr. Hélio.

HA: Isso mesmo. Ele está em Estado lamentável, e a coisa mais curiosa é o seguinte...

LM: Você passa por um prédio tão bonito...

HA: ...É que estava para ser demolido o São Francisco, por causa do Hospital Clementino Fraga. Hoje o que foi demolido foi uma parte do Clementino Fraga...

LM: Uma perna seca, não é?

HA: ...E o Hospital São Francisco vai ser todo remodelado, e vai se voltar a sua função antiga, não como um hospital porque ele não tem mais condições, mas na sua beleza arquitetônica, na sua... Como é feito no mundo inteiro. O John Hopkins tem o... O primeiro hospital John Hopkins está lá perfeito no Baltimore. Perfeitamente, eles construíram atrás um hospital moderníssimo e o hospital antigo está perfeito na frente servindo a parte administrativa, etc.

LP: É um espaço de memória, também.

HA: Então o hospital São Francisco foi tombado, eu fiz várias promessas, várias intervenções, uma delas foi de instituições nacionais, uma delas foi o Instituto Roberto Marinho que se prontificou junto com uma companhia empreiteira de fazer a recuperação do hospital, mas que infelizmente o reitor não aceitou, disse que tinha outros designios lá. Também a parte do Rotary Clube recebeu uma doação do Bill Gates para recuperação de hospitais, e o presidente foi lá, mas também não teve notícias. A idéia era botar o hospital abaixo de qualquer jeito, mas não se conseguiu e agora nós temos a satisfação de ver o hospital já com uma tabuleta enorme dizendo que vai entrar em obra para a sua restauração nos moldes em que ele foi fundado. Quer dizer, é uma ressurreição do hospital. Eu espero que seja não apenas da sua situação de prédio, de beleza arquitetônica, mas que tenha uma função que possa continuar ser uma indicação científica nos moldes que se ajude a medicina a crescer. Fazendo de lá um

centro de estudos, de memória da universidade e espaço para que se faça conferências sobre todos os aspectos, voltando não mais como tratador de doenças, mas como propulsor de uma medicina científica para benefício de todo o Brasil.

LM: Certo.

HA: Mais alguma coisa?

LM: Várias coisas.

LP: Deixa eu só retomar algumas coisinhas, o senhor falar da relação do Dr. Aguinaga com o Instituto de Manguinhos, não é? Quais eram as pessoas, o senhor lembra? Quem eram essas pessoas.

HA: Quem? As pessoas?

LP: É, que trabalhavam com o Dr. Aguinaga, essas pessoas que estavam em Manguinhos, e que faziam análise das biopsias, quem seriam elas?

HA: Aqui era... Eu vou dar aí a vocês aqui, depois vocês tirem alguma coisa que vocês acharem interessante.

Osvino Penna. **(faz a leitura de um pequeno texto)** Osvino Penna e Magarino Torres. Isso era gente dos mais brilhantes patologistas que passaram pelo Instituto de Manguinhos.

LP: Está ótimo.

HA: Está aí. Você queria...

LP: E quem é que trabalhava com o Dr. Aguinaga lá no hospital São Francisco de Assis?

HA: Ih! Estabeleceu-se...

LP: Que o senhor falou do Osolando Machado... Tem mais alguém?

HA: Osolando Machado era do Instituto, mas foi muito depois.

LP: Ah! Foi depois.

(tosse, tosse, tosse) **Que diabo! Esses goles d'água você corta, não corta?**

PH: Corta. Pode ficar tranquilo. A gente faz uma edição.

HA: Estabeleceu-se o que se chamou Escola de Aguinaga, que era a liderança, e dessa gente então... Ih, você tem uma lista.

E1: Tem tudo aí?

TR Colaboradores mais destacados: Ernesto Paranhos, José Caracas, Aníbal Moreira, Licínio Oliveira Sertã.

HA: ...Roberto Pessoa, Gastão Sampaio... **Oiney Plácio**, João Paulo de Azevedo Sodré, Álvaro Ribeiro, Claps Gonzalga, Manuel Jacinto Camará Fagundes, Romualdo Seixas, José... Hein! É uma...

LP: Não, está bom. Está bom.

HA: Uma lista enorme.

LP: Não, depois a gente depois a gente vai ter acesso a esse documento. Era só para...

HA: Está aqui: Osolando Machado.

LP: U-hum. Só para a gente mapear um pouco essas pessoas. Mas já que a gente vai ter acesso.

HA: Não, eu vou dar isso para vocês.

LP: Ah está ótimo!

LM: Ótimo!

LP: Obrigada.

HA: Aí vocês tiram aqui o que vocês acharem necessário.

LP: Está ótimo! Ótimo. Muito bom.

HA: Aqui eu estou no... Porque o serviço publicava um boletim de 3 em 3 meses e esse.

LM: O Serviço Nacional do Câncer?

HA: Não, isso do Hospital São Francisco de Assis.

LM: Ah, lá do hospital. Ta.

HA: No serviço. E esse daqui é exatamente sobre... Aqui tem as conferências que em maio, junho, etc.

LM: Ah, é um boletim.

HA: E esse foi especificamente sobre câncer e gravidez, com todos os detalhes.

LM: Muito bom.

HA: Isso eu dou para vocês.

LM: Está ótimo. A gente vai gostar muito.

HA: Se vocês estão interessadas vocês nem acesso... Isso fica para vocês aí.

LM: Está certo. Obrigada.

HA: Procura a Célia.

LM: A gente vai procurar a Célia Viegas.

HA: Fica com o cartãozinho dela.

LM: Está bom.

LP: Ah ótimo!

LM: Obrigada. U-hum.

HA: Eu não tenho mais, porque o último livro que eu tinha dele tudo eu dei. Na biblioteca da faculdade de medicina também tem o livro do Dr. Aguinaga.

LP: Ah sim! Tem sim.

HA: Porque eu tive um companheiro na Academia Nacional de Medicina um professor chamado Neves Mantra. Era um psiquiatra, o Neves Mantra era...

LM: Ele foi do Hospício Nacional, não é? Ele trabalhou no Hospício Nacional de Alienados.

HA: Isso eu me lembro. Neves Mantra era uma figura muito interessante.

LM: Falam muito dele.

HA: Ele tinha... Ele morava no Leme, ele tinha um apartamento onde ele morava com a família e tinha um outro apartamento que a família não entrava, mas para vocês não terem uma mentalidade maldosa (risos) e pensarem em outras coisas...

LM: Era só para trabalhar? E estudar.

HA: Ele tinha lá a biblioteca dele, retrato de artistas, está compreendendo? Ele recebia os amigos nesse outro apartamento e ele tinha uma biblioteca extensa. Ele era mais moço que eu naquele tempo, já tinha 92 anos. Ele me falou: “Aguinaga, você sabe, eu estou aí para morrer a qualquer hora. Eu vou fazer uma coisa, se eu morrer esses livros e tal são vendidos aí por mil réis, uma coisa à toa, desaparece. Eu vou dar isso aos meus amigos.” Então se ele sabia que você se interessava por um assunto, ele pegava na biblioteca dele os livros sobre aquele assunto... Punha, dedicava e dava de presente. Eu tenho as primeiras edições deles aí que ele me deu, tem uns 8 ou 9 livros que ele me deu. Então, baseado no Neves Mantra eu digo: “Eu vou morrer e isso tudo aqui vai desaparecer.” Então essa doutora se mostrou interessada e eu então dei o livro a ela, dei as coisas. Disse: “Vamos ver se isso vai se prolongar a vida na mão de quem se interessa.” Porque senão jogava fora.

LM: É verdade.

LP: É verdade.

HA: Ou então... Mas não é verdade?

E1: É.

HA: Isso desaparecia.

LM: E fala para gente um pouco Dr. Hélio como é que foi o início da sua vida como médico. O senhor já disse que a escolha pela medicina foi uma coisa meio mirada no exemplo do seu pai. E como é que foi isso.

HA: Eu acho, eu acho que talvez tenha sido até uma coisa genética. Sabe? Porque eu fiz o vestibular naquele tempo da Escola Nacional de medicina. E entrei em 18º lugar, e fui aprovado, e já soube que tinha sido aprovado em janeiro. Quando foi em março eu entrei, comecei a trabalhar no São Francisco, no serviço do pai. Evidente que trabalhar entre aspas, porque eu não fazia nada. Eu ia assistir a fazer anamnese, aprender como que se fazia anamnese, essa coisa toda, mas já comecei no hospital. E a coisa mais engraçada, que eu vou ter uma atualização, entre as perguntas que havia na anamnese... as mulheres todas eram indigentes. O Hospital São Francisco de Assis estava situado na zona do mangue. Vocês sabem o que era mangue? Era o meretrício, o baixo meretrício do Rio de Janeiro.

LM: Ali era zona de prostituição. Era tudo ali.

HA: É. A prostituição, o baixo meretrício era justamente naquela rua por trás do hospital. Aliás, eu era muito popular lá. **(riso)** Aquelas mulheres todas se tratavam no hospital.

LM: Conheciam o senhor.

HA: E como a mão do carro só dava mão num sentido só assim...

LM: O senhor sempre passava lá.

HA: ...Então tinha que voltar por lá para coisa... Quando eu passava na rua gritavam o meu nome. Eu era popularíssimo. **(risos de todos)** Eu era muito popular lá, mas sobre o que eu estava falando?

LM: O senhor estava falando da anamnese, que o senhor ia observar o seu pai fazer.

LP: No iníciozinho.

PH: No início da carreira profissional.

HA: Ah é?! Então eu fazia anamnese, era o que eu mais fazia. E havia uma pergunta: “Minha filha, você é solteira, casada ou viúva?” E não me esqueço de uma mulherzinha: “Oh doutor, o senhor sabe que pobre não casa, ele se junta.” **(risos de todos)** Hoje não pode fazer... **(riso ainda)** É tudo normal. Mas e aí comecei a ir. E havia uma coisa naquele tempo que era interessante. Você tinha as cadeiras básicas etc., mas as cadeiras no final do curso eram todas... a única coisa por presença, você dava presença, não tinha exame não. Você passava

por presença, mas eu já estava envolvido muito. Eu já trabalhava no São Francisco, na Maternidade São Francisco, e trabalhava na Casa de Saúde São José também como residente lá na São José. De maneira que eu não tinha tempo. Então tinha aquelas matérias como medicina legal, higiene, eu não frequentava **(risos)** O Afrânio Peixoto que era professor de Medicina...

LM: Medicina legal.

HA: De medicina legal não, de higiene. Ficou só dois, eu e o outro. “Mas vocês, nem para vir aqui me pedir para dar presença.” **(rindo todos)** O fato, que vocês não vão relatar. Foi a Medicina Legal, eu também tive que fazer... Eu tive que fazer exame oral de quase todas as matérias porque eu não tinha presença. Então eu era obrigado a fazer exame oral. E fui fazer exame de Medicina Legal. Cujo professor viu o meu nome disse: “O que o senhor é do Dr. Aguinaga?” Eu digo: “Eu sou filho dele?” “Ah! O senhor é filho dele? Pois então vou lhe fazer umas perguntas a esse respeito. Quais são os sinais de gravidez?” Eu digo: “É o sinal tal, o sinal tal, o sinal tal, assim e assim...” Ele disse: “Bom, e mais?” Eu: “Não. Tem o sinal também **(inaudível)** assim, assim e assim.” “E só isso?” “Não, tem o sinal de Wilimowski.” Ele disse: “Ah, ótimo!” Wilimowski tinha sido extrema esquerda scratch polonês **(rindo)** que jogou contra o Brasil e marcou 6 gols e botou 6 x 5. **(rindo muito)**

LM: O senhor falou isso e ele disse que estava ótimo!

LP: E o senhor passou?

LM: Que ótimo professor! (Risos) Muito bom!

LP: Sensacional!!!

HA: Eu não tinha mais. Eu já tinha dito todos os sinais de gravidez que eu conhecia e ele me apertando que queria saber mais, inventei o sinal de Wilimowski que era extrema esquerda do scratch polonês que jogou contra o Brasil. **(risos)** Mas rapaz!!!

LM: É, mas ele ficou feliz e o senhor passou de ano. Então está bom.

HA: Ah! Ele não sabia.

LM: É.

HA: E ele ficou com medo de dizer que não sabia.

LP: Quem era? Que não sabia. Quem era? Era o Afrânio Peixoto? Não, não é?

HA: Era um professor, eu não vou dizer o nome dele. **(risos)**

LM: Melhor não falar não, não é professor?

HA: E assim foi. A minha vida toda foi dedicada à medicina. No hospital nós todos trabalhávamos de graça, desde o professor, por causa, como eu já disse, do Nabuco de Gouveia, que ele foi nomeado também chefe do hospital São Francisco. Mas ele não podia

ganhar dinheiro, a Constituição não permite ao deputado ter outro emprego. Então a solução foi trabalhar de graça. Vocês já imaginaram isso? Hoje em dia e durante 30, 40 anos atrás em São Francisco... E todos os outros, não é só eu não. E de graça, ninguém ganhava nada.

Isso não impedia que houvesse concurso para residente do São Francisco que era procuradíssimo. Naquele tempo vinha gente do norte, de São Paulo, do Brasil inteiro estudar no Rio de Janeiro que era o centro médico. Está compreendendo? E vinham estudar aqui e aprender essa coisa toda.

De maneira que a minha vida foi essa e eu achei... Não me arrependo de nada. Foi imensamente gratificante. Eu hoje olho para trás e verifico que eu talvez tenha praticado mais bem do que mal. E uma das coisas são esses telefonemas que eu contei para vocês. Está compreendendo? E não é só isso não. Há tempos eu recebia telefonema: “O Dr. Hélio como vai o senhor?” Eu digo: “Bem. Quem está falando?” “Aqui é o Mauá.” Mauá era um carpinteiro de um programa que tinha, um homem simples. “Eu estou telefonando ara o senhor porque eu estou com muitas saudades suas e resolvi telefonar para o senhor.”

LM: Que bom, não é?

HA: Isso não era um homem... Era um, o pedreiro que trabalhava lá no coisa... telefonar para mim para saber como é que... De modo que eu hoje... Por isso que eu encaro. Falo da morte de uma maneira... tranquila porque eu só não quero, já fiz uma carta a todos os meus filhos etc, proibindo que se eu tiver qualquer coisa mais séria me levarem para o CTI. Eu não quero ir para o CTI de jeito nenhum porque no CTI, o médico do CTI, ele é treinado, o óbito do CTI constitui uma derrota dele. Então hoje em dia com a tecnologia que você tem você pode manter indefinidamente o indivíduo com traqueotomia, sonda no estômago, sonda na bexiga indefinidamente. Eu tenho amigos, e pessoas amigas que ficaram anos numa situação de vegetal. Eu não quero isso, eu quero morrer com dignidade. Eu quero morrer... Já disse... **(rindo)** Ontem eu estava falando para a minha mulher, você bota uma cama **(nome da cama)**, instala um sorinho na minha veia para eu não morrer desidratado e um anestésico, uma substância qualquer que eu possa dormir e deixa eu morrer em paz. Eu quero morrer com dignidade.

Você acha?! Amigos que eu vi, amigos, pessoas, que eu tinha amizade visitar no coisa... Está compreendendo? Chego lá, encontro o sujeito, aquele molambo, um vegetal, não conhecendo mais ninguém, usando fralda,... está compreendendo? Com traqueotomia. Deus me livre! Deus me livre! Estou com 96 anos. Já acho que já... a minha filha mais velha, a Lia, diz: “O papai você está muito bem...” A tal história do muito bem.

LM: É. “Você está ótimo.” É.

HA: “Você tem saúde. Você precisa sair, vá jantar fora, convida a mamãe, vão jantar fora, dançar, convida seus amigos.” “Oh minha filha, eu não posso convidar os meus amigos porque todos eles tem que voltar muito cedo, o cemitério São João Batista fecha às 8 horas.” **(risos)**

Todos: (risos)

HA: Agora o sinal mais evidente que você tem de ter envelhecido é que quando você é criança ou rapazinho, etc você abre o obituário dos jornais, tem lá umas pessoas que você sabem quem são etc. Depois de um certo tempo você abre os obituários tem uns colegas de turma, uns amigos seus, e umas pessoas proeminentes que você sabe que são do governo, etc, depois, nessa altura da minha vida eu abro o obituário e não vejo mais ninguém, conhecido nenhum.

(risos de todos)

HA: Não tem mais ninguém que eu possa dizer: “Ah esse aqui foi presidente de coisa...” Não tem ninguém conhecido mais.

LM: Professor, diz uma coisa para a gente. Como é que foi essa residência médica que o senhor fez em Michigan logo depois que terminou a graduação.

HA: Ah, isso foi muito interessante. Você sabe naquele tempo...

LM: Foi aí que o senhor entrou na área de ginecologia, é isso? Foi nesse momento que o senhor entrou na área da ginecologia?

HA: Não, eu entrei na área de ginecologia no primeiro dia...

LM: No primeiro dia. É mesmo?

LP: (risos)

HA: ... Quando eu terminei o curso, que eu fui trabalhar no Serviço de Ginecologia no hospital São Francisco de Assis, perto do meu pai.

LP: Então teve grande influência do seu pai.

HA: Eu tive esse privilégio, esse privilégio. Que foi um privilégio, não há dúvida nenhuma. Mas a gente precisava tomar muito cuidado, porque era uma arma de dois gumes, está compreendendo? Que, você, filho de um sujeito ilustre como foi meu pai, está compreendendo? Vem logo uma comparação: “Ele não se compara ao pai.” E se você faz essa fama que você não se compara, você está perdido. **(rindo)**, está compreendendo? De modo que eu tive que lutar muito contra isso, compreendeu? De modo que eu fui para lá, fui para Michigan em???

LM: E depois o senhor foi para Chicago.

HA: Hein?

LM: Depois o senhor foi para Chicago.

HA: Ah, eu fui para Chicago também. Não, onde eu fiz a residência etc., foi em Ann Arbor.

LM: Em Michigan.

HA: Que é a Universidade de Michigan.

LP: E como é que foi lá? Como é que foi a residência?

HA: Foi interessante. Porque eu saí de um regime completamente diferente. Aqui era o regime do Hospital São Francisco de Assis que eram indigentes, mas que precisava haver... Nós tínhamos que nos dedicar não só a parte médica, como eu disse antes, também a pessoa humana, os problemas que havia. Você, por exemplo, na enfermaria nós internávamos aquelas velhinhas de cor para operar, qualquer coisa, depois tínhamos o problema que a família não vinha mais buscar, a gente precisava tirar do bolso, chamar um enfermeiro, botar num táxi para levar para casa porque a família...

LM: Largava para lá.

HA: E nos Estados Unidos não é assim. Eles lá tem aquele rigor, aquela coisa... É outra idéia. Eu me lembro que uma vez, logo que eu estava lá no princípio, eu fui assistir uma operação, estava uma pobre mulher numa maca, está compreendendo? E ela estava desesperada para saber o que eles iam fazer dela, qual era a chance que ela tinha. E todo mundo que ela passava: "Doutor, doutor..." Ninguém dava bola para ela.

LM: Ninguém falava? Nossa!

HA: Ninguém dava bola. "Doutor..." E eu cheguei perto dela, segurei a mão dela, disse: "O minha filha, está tudo muito bem." Eu não sabia nem do que ela ia se operar, mas ela abriu um sorriso, ficou tranqüila, está compreendendo? Porque eles lá não faziam isso. Outra coisa, talvez eles tenham razão, mas pelo meu critério, pela minha... de chegar e dizer na cara do doente: Olha, o seu caso é assim, você tem dois meses de vida... etc, está compreendendo? É uma coisa que eu não aceitava, sabe? Porque é desumano. É uma mentira, mas é uma mentira caridosa. Eu acho que faz parte você chegar e dizer: "Não minha filha." Dar uma esperança a uma pessoa que vai... mas eu fiz boas camaradagens com o pessoal lá etc.

Há coisas interessantes. Os Estados Unidos primeiro não tinha entrado na guerra ainda e num almoço lá com outros médicos eu digo: "Vocês não estão vendo que essa guerra é guerra..." "Que nada! Nós não temos nada com isso. Isso é lá na Europa. Nós não vamos nos meter nisso de coisa nenhuma..." Eu disse: "Isso é a guerra, vocês vão ter que ir, e coisa, etc." Existia uma mentalidade nos Estados Unidos contra a guerra. O Lindenberg que era uma figura nacional, aquele que atravessou o oceano etc.. e na chapa dos automóveis tinha assim: "*Keep tonight stay away lot of the war.*" Era a mentalidade. Tanto assim que eu acho que Pearl Harbor foi uma espécie de dar um choque para poder mobilizar o povo americano para a guerra, porque a mentalidade era completamente contrária à guerra, de se meter na guerra. E havia isso.

E evidentemente que o modo de vida americano é completamente diferente do nosso. Hoje eu tenho duas filhas que moram nos Estados Unidos, mas eu não me conformo, é uma vida trabalhosa, difícil, está compreendendo? Eu tenho um genro que mora em São Francisco,

casado com a Estela, mas é uma vida... ele sai de casa no inverno está escuro. Leva um lanche que ele come no escritório comendo aquele lanche, quando ele chega às 7h em casa vai para geladeira, a primeira coisa, vocês vêm nesses filmes, a primeira coisa que o sujeito faz ao entrar é ir para a geladeira. **(rindo)** Porque assim, é uma vida... não tem nenhuma ajuda. A minha filha... além de tudo tem que ser cozinheira, tem que ser coisa, tem que isso... Eles têm uma pessoa que vem fazer faxina, 2, 3 vezes por semana... mas é uma vida... Ah! Danada. Não vão a lugar nenhum. A distração no fim de semana é levar os filhos ao jardim zoológico, que não tem com quem deixar dos filhos. Bom, isso é outra coisa que não tem nada a ver comigo. **(risos)**

LM: O senhor chegou a ter consultório, Dr. Aguinaga?

HA: O que?

LM: O senhor chegou a ter consultório?

HA: Consultório. Ah! **(rindo)** Vou contar a vocês. Quando eu vim dos Estados Unidos... Essa é engraçada! Eu vim dos Estados Unidos cheio de... com o ego lá em cima. Imagine vocês: eu, moço, filho de um médico famoso, com curso nos Estados Unidos, com a experiência que eu tinha, eu digo: “Poxa, vou abrir consultório e vai fazer fila”. Vocês sabem quantos clientes eu tive o ano inteiro, no primeiro ano que eu cheguei? Um. **(risos de todos)**. Um. Um cliente. Um cliente. O resto era atender propagandista de remédio. **(risos de todos)** Um cliente.

LM: Dr. Aguinaga, como é que pode?

HA: Eu tinha consultório no mesmo andar do meu pai, ele tinha me dado uma sala.

LM: Onde que era o seu consultório? Lá no centro?

HA: Na Araújo Porto Alegre, 70, ali na esquina, aquele edifício da esquina, eu achei então que talvez a vizinhança... ninguém ia me consultar, quando tinha como consultar meu pai, é lógico. Eu não tinha experiência clínica, eu tinha... a minha foi feita toda explorando as mulheres. **(risos)**. Então eu digo assim: “Eu vou resolver.” Montei um consultório em Copacabana, em cima de uma farmácia, montei o consultório. A primeira cliente que chegou era uma descendente de árabe. Trouxe o filho, era uma filhinha, e eu olhei a menina, estava com sarampo, diagnóstico fácil. Digo: “Não, isso não é nada demais. Você faz isso, toma essas cuidados, etc. e tal.” Ela foi embora; mal ela passou da porta para fora, eu fiquei pensando: “Será que é sarampo mesmo?!” **(rindo)** Será que esse diagnóstico está certo? E se isso for outra coisa? Meu Deus, eu despachei a mulher, ela foi pra casa. E se for outra coisa? Eu despachei a mulher, ela foi embora para casa”. Não consegui dormir direito. No dia seguinte, às 8h da manhã eu estava na porta da mulher para saber como é que a menina estava. **(risos)**

PH: Ela deve ter achado o senhor um excelente médico: “Nossa, como ele é atencioso!”

HA: Mas a minha consciência começou, porque eu não era clínico, entendeu? Quis fazer um desvio, me dei mal, fechei o consultório. E digo: “Não...”

LM: Mas o senhor trabalhava a onde? No hospital?

HA: Eu trabalhava no Hospital e trabalhava na Casa de Saúde São José. Onde eu ganhava dinheiro era na Casa São José. Eu ajudava o meu pai, e ajudava os médicos... que eu lá eles pagavam, eles me davam... e com isso eu ganhava a minha vida tranquilamente. Do hospital eu não ganhava nada, mas lá na Casa de Saúde São José eu defendia... tinha casa e comida, aí ajudava meu pai que tinha uma clínica enorme, está compreendendo? E eu ganhava um dinheirinho.

LM: Aonde que era a clínica dele?

HA: A do Dr. Aguinaga? Era a Casa de Saúde São José.

LM: Ah sim! Ta.

HA: Ele foi o fundador da Casa de Saúde São José. Muita gente... auando a Casa de Saúde São José abriu, as irmãs elas não tinham nada, eram muito pobres. Elas faziam tudo, até lavar o chão, tudo elas mesmas que faziam e o Dr. Aguinaga... a minha mãe... Ele começou a vida dele no interior de São Paulo, em Lençóis.

PH: Que foi onde o senhor nasceu, não é? (Falamos juntos)

HA: Eu nasci lá, eu sou paulista. E ela teve uma infecção puerperal, e naquele tempo não havia penicilina, não havia nada disso e ela veio se tratar em São Paulo, em São Paulo na Casa de Saúde São José de São Paulo. E meu pai fez muita amizade com as irmãs lá e ele disse a elas: “Por que vocês não abrem uma no Rio de Janeiro? Abre uma Casa no Rio de Janeiro, etc e tal.” E ele depois de Lençóis, ele veio para o Rio de Janeiro, e as irmãs abriram a Casa de Saúde lá que compraram um prédio. Era uma casa antiga que era uma chácara, hoje é aquela superfície toda, e ele foi um dos primeiros médicos que foi trabalhar lá e começou a trabalhar na Casa de Saúde. Depois, um pouco mais tarde, veio o doutor Jorge de Gouveia. Não sei se já ouviram falar nele.

LM: Não.

HA: Era um cirurgião que dominava a clínica cirúrgica no Rio de Janeiro e a Casa de Saúde funcionava quase que unicamente com os clientes dele, do meu pai e do Jorge de Gouveia. Tanto assim que muitos, as pessoas pensavam que a Casa de Saúde era dos dois, porque os dois enchiam a Casa de Saúde e todo mundo pensava... Não era, a Casa de Saúde era das irmãs. E elas andavam de bonde no Largo do Machado, o bonde dava a volta ali no Largo... Vocês não lembram disso? Que chamava Largo dos Leões, o bonde vinha ali, dava a volta. Ali onde é a Casa de Saúde, hoje tem um marco.

LM: Isso.

HA: Pois é, o bonde ia ali e voltava, e elas andavam só de bonde, uma vida difícil. Hoje em dia, a última vez que eu falei com a superiora lá, ela me contou que tinha assegurado a Casa de Saúde São José, isso já a uns 4 ou 5 anos atrás, em 4 bilhões de Reais, a Casa de Saúde inteira.

Veja! Um negócio da China esse! Negócio da China, negócio de seguro saúde, é quase igual a esses evangélicos aí que brotam essas seitas aí que não acaba mais, mas assim por diante. Isso foi uma escola, porque eu tive a escola do cliente pobre, miserável, indigente...

LM: Isso é interessante, não é?

HA: E a escola do rico, está compreendendo? Que a Casa de Saúde São José tanto a clientela do Dr. Aguinaga como do Jorge de Gouveia era a elite no Rio de Janeiro, então eu... E aí convivi com essas duas coisas. Não ganhava nada também na Casa de Saúde. **(rindo)** Era de graça. Eu trabalhava de graça. Naquele tempo era diferente. Hoje em dia você está aí... Ela riu, acha incrível isso, não é? Pois naquele tempo era assim, o trabalho era gratuito.

LM: O senhor se defrontou com muitos casos de câncer Dr. Aguinaga?

HA: Ah! Muitos. A vida inteira.

LM: E como era o tratamento? Como é que vocês faziam?

LP: E a prevenção.

HA: O tratamento era essa... Vou contar um caso a vocês. Uma vez um graduado do Exército levou a mulher dele para eu examinar lá, e eu examinei e ela estava com câncer de colo já muito adiantado.

LP: Mas o senhor examinou com colposcópio? Qual era o tipo de...?

HA: Não, faz-se biópsia.

LP: Ah! Biópsia!

HA: Você tira um pedacinho e manda examinar no microscópio, mas pelo aspecto já...

LM: O senhor já achou que era.

HA: Eu disse a ele: “Olha, a sua senhora é um caso difícil, assim, assim, assim, as possibilidades, e tal.” Você sabe que ele morreu primeiro que a mulher? **(risos)**, mas há casos e coisas interessantes. Eu tive uma mulher, uma senhora de origem árabe também, o pai dela era dono de uma fábrica no Norte e ela tinha... engravidou... Casou-se e engravidou. E os médicos, os médicos dela disseram que ela tinha que abortar, que ela tinha uma lesão cardíaca, era grave. E ela disse: “Ah! Eu não quero. Eu quero ter meu filho... e não sei o que.” E foi me procurar. Eu digo: “Olha, a senhora tem essa lesão...” Ela era cliente de um colega meu de turma, Raul, o cardiologista dela, e eu digo: “Olha, a possibilidade é difícil, a senhora está assim...” “Ah! Doutor, mas eu quero ter o meu filho, não sei que, eu não tenho filho nenhum. Estou casada.” Eu digo: “Olha, a senhora quer correr esse risco, vamos correr juntos, mas a senhora sabe...” “Ah, não! Eu quero.” E então foi aquela luta, aquela coisa, e o amigo meu, que era o cardiologista, me telefonou: “O Hélio, você é um sujeito... Olha, eu vou largar a dona fulana. Ela vai morrer.” **(rindo)** Eu digo... **(risos)** Foi assim até o 8º mês. No 8º mês ele me telefonou. Disse: “Olha, estou telefonando para você dizer que não quero saber mais saber da dona

fulana. Você não me manda mais ela aqui ao consultório, eu não quero participar desse crime, não quero ser cúmplice disso.” Eu digo: “Está bom, fulano. Eu vou fazer uma cesariana”. Fiz uma cesariana nela, com anestesia local, ele ficou presente na sala de operações, a criança nasceu, uma menina, a mulher ficou num encantamento. Saiu do hospital com a criança no colo, está compreendendo?

LM: Toda feliz, não é?

HA: Feliz da vida. Morreu dois ou três meses depois. A criança não, ela. Passado uns tempos, eu continuei médico da família. Muito tempo depois me chamam lá pra ver... naquele tempo fazia-se visita de médico em casa. Hoje... era na Tijuca e eu fui lá. E veio a menina. Disse: “Ah! Essa é a filha da fulana.” Eu olhei para a menina, digo: “Meu Deus do céu, a natureza tem coisas formidáveis.” A menina era...

LM: A cara da mãe.

HA: ...A cara da mãe. Eu digo: Olha o que é a coisa. Fantástica! Ela está revivendo na filha dela, está compreendendo? O sacrifício dela valeu a pena. E ela sabia que ia morrer. Ela sabia. E ela quis, me desafiou, nós dois para levar o negócio a termo. Coitada. Bom, vocês vão ficar nisso, a gente fica aqui o dia inteiro. **(Risos de todos)** Que mais, Alguma pergunta aí?

PH: Tem.

HA: Vocês já sabem mais da minha vida que até eu mesmo. **(risos de todos)**

PH: Primeiro o senhor foi chefe do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia da Policlínica de Pescadores do Ministério da Agricultura, certo?

HA: Do que? Fala mais alto que eu estou ficando meio surdo.

PH: chefe do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia da Policlínica de Pescadores do Ministério da Agricultura.

LM: O senhor trabalhou no Ministério da Agricultura?

HA: Ah! Trabalhei. Trabalhei. Eu fui nomeado chefe de um serviço lá.

LM: Isso.

HA: Durou seis meses.

LM: Ah é?! Não ficou muito tempo.

HA: Durou seis meses e vou dizer a você...

LM: Não gostou de trabalhar lá?

HA: Não, era uma maternidade ali na Praça XV, e eu estava começando a vida, mas a questão é a seguinte: não havia dinheiro para nada, eles internavam as doentes na Casa de Saúde aqui na [Rua] Bento Lisboa, essa casa de saúde tinha um convênio com a maternidade e internavam as

mulheres lá, está compreendendo? Mas aí começaram: “Hélio, você está internando gente demais, está operando gente demais. Você não pode...” “Mas você acha que uma cliente, uma mulher que vem a mim, que precisa ser operada, eu vou mandar ela embora só porque não se tem dinheiro? Não, assim não.” Então pedi demissão e saí fora. Não queria continuar com aquela... Eu não tinha coragem de ver uma mulher que... como hoje você vê, morre na sala de espera esperando, doente. E eu não admito isso, não é verdade? E naquele tempo eu já não admitia, e resolvi sair fora.

LM: Então o senhor ficou assim, a vida profissional do senhor foi trabalhar lá na Francisco de Assis e na São José.

HA: Não, e Casa de Saúde São José...

LM: E a Casa de Saúde São José.

HA: ... Que era clínica particular.

LM: Ah sim!

HA: Eu nunca tive emprego. Meu único emprego foi esse.

LM: Foi esse que durou seis meses. (risos)

HA: Que durou seis meses. **(rindo)**, está compreendendo? E eu larguei por causa disso. O Raimundo de Brito que era o diretor da Casa de Saúde, da maternidade lá, disse: “Hélio, você está... Não pode internar essa gente toda. Você quer que... Não é possível, nós não temos dinheiro para isso.” Eu digo: “Raimundo, o que você quer? Quer que eu mande essa mulher que está precisando urgentemente ser operada mandar embora? Eu não tenho estômago para isso não.” “Ah, mas não pode. Como é que vamos fazer? Já estamos em déficit.” Carta a ele, pedi demissão e fui-me embora. Como nunca quis ser credenciado, quando surgiram esses programas de saúde, etc., credenciamento, volta e meia me telefonavam: “Doutor, o senhor não quer botar o seu nome como credenciado?” “Não, não quero credenciamento de coisa nenhuma.” Graças a Deus pude fazer isso porque eu tive uma clínica boa, grande, e podia esnoabar essas coisas de ser coisa... Não é que eu seja contra, mas eles pagam uma miséria! Pagam 50 reais; 50 reais uma consulta?

LM: Ou menos.

LP: Às vezes menos.

HA: Até menos, não é isso? Não, não quero não. Não precisava, também por isso. E procurei a minha vida...

LM: Dr. Hélio, como que era a questão a prevenção do câncer de colo do útero na época que o senhor trabalhou.

HA: Ah! Nós fazíamos a prevenção.

LM: Como que era esse trabalho?

HA: Fazia o papanicolaou, fazia coleta de material. Tínhamos isso organizado; todas as mulheres que tinham cervicite. Cervicite é aquela feridinha no colo do útero, nós fazíamos uma lâmina.

LM: Fazia a investigação.

HA: Está compreendendo? O papanicolaou e investigava...

LP: Desde quando isso, mais ou menos?

HA: E todas aquelas em que havia coisa, nós tomávamos conta; fazia a prevenção também e fazíamos prevenção de câncer de mama. Ensinamos as mulheres a examinarem...

LM: Auto-exame.

HA: ...A mama e tudo isso, porque o câncer de mama é muito traiçoeiro, porque infelizmente o câncer, infelizmente o câncer de mama não dói.

LM: É. Ele é assintomático.

HA: E a mulher acha que só tem alguma coisa quando aparece a dor, não é? Então era comum a cliente chegava: “Doutor, eu estou com um carocinho aqui no peito, mas é que eu bati no ônibus, na coisa... E nasceu esse carocinho aqui.” Era um câncer, mas não doía, ela achava que não tinha importância, e coisa. “Tem que operar...” Às vezes relutavam.

LM: O senhor fazia esse tipo de cirurgia?

HA: Fazia, eu era cirurgião. Fazia, eu era cirurgião. Depois eu tomei conta da enfermaria, meu pai se aposentou. Que, aliás, a situação é interessante também. O hospital passou... era do Ministério da Educação, a Educação deu o hospital para a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LM: Porque era Ministério da Educação e Saúde.

HA: E Saúde, pois é. E muitas clínicas da Universidade passaram a funcionar no Hospital São Francisco de Assis e aí começou-se a pagar os médicos, está compreendendo? E o reitor da Universidade, que era o de Muniz de Aragão, um dia me chamou ao Gabinete dele: “Hélio, eu estou numa situação difícil, queria conversar com você. Seu pai não pode continuar como chefe da enfermaria. A lei não permite, com 70 anos o sujeito tem que sair fora, é a lei expulsória. Ele já está com quase 80, como é que eu vou fazer? Mas eu não tenho coragem de despedir. Como é que eu vou fazer para demitir o seu pai lá da enfermaria?” Eu digo: “Espera aí que eu vou conversar com ele. Eu vou fazer isso de mansinho para ele pedir demissão.” “É. Não posso continuar, porque isso é fora da lei e a lei não permite que ele venha aqui, que... e tal.” “Está bem.” Eu aí todas as vezes que eu conseguia falar com meu pai, eu insinuava essa coisa devagarzinho, até que um dia ele me botou contra a parede: “Escuta, você está com esse negócio aí. O que acontece?” Eu digo: “Não, pai é que você está com mais de 70 anos e a lei

não permite.” Conteí a ele a história. Ele na mesma hora foi para o escritório, sentou-se, fez uma carta de demissão, pedindo demissão do cargo e mandou entregar e demitiu-se do cargo de coisa... O Muniz de Aragão me nomeou no lugar dele, mas ele pediu demissão. E a minha mãe conta que às vezes durante a noite acordava meu pai estava chorando. “Mas que é isso, Armando? O que há? O que você está sentindo? “Saudades do hospital.”

LM: Ele morreu com quantos anos, professor?

HA: Ele morreu com 88 anos, mas você sabe...

LM: É todo mundo longevo, não é?

HA: Você sabe que ele nunca mais botou o pé nesse hospital? Eu fui nomeado chefe da Enfermaria, convidei ele para ele ir, ele não foi.

LM: Ele ficou magoado, não é?

HA: Ele achava que aquilo era a casa dele, propriedade dele, mas não pode. A lei não permite e o pobre do Muniz de Aragão estava... **(rindo)** atrapalhado: “O Hélio, eu não sei o que eu vou fazer, porque é uma irregularidade. Não pode. A lei é clara, ele não pode ficar na enfermaria com mais de 70 anos.” **(rindo)**

PH: Dr. Hélio fala um pouquinho para gente do Centro de Pesquisa de Assistência Integrada à Mulher e à Criança.

HA: Ih minha filha, um pouquinho?!

PH: (rindo) Pode falar um poucão então.

HA: Toda vida... eu fui nomeado chefe do serviço de ginecologia no lugar do meu pai. Ele recebeu uma medalha ‘Médico do Ano’, o título de Professor *Honoris Causa* da Universidade. Nunca foi receber. Nunca foi receber. **(risos de todos)**.

LM: Ele era rebelde?

HA: Não, nessas coisas ele era radical, mas eu convivendo no hospital como eu convivia, eu via que o sistema de atendimento era um sistema que não dava certo. Aquelas mulheres ficavam naquelas filas enormes etc. então quando eu assumi, eu me reuni com dois ou três médicos que era o Eurico Costa, o Sylvio Sertã e disse: “Não, temos que fazer um sistema diferente de atendimento. Não pode ser esse que as mulheres vêm pra aqui as três, quatro horas da manhã e ficam na portaria etc.” E aí estudamos um sistema disso, mas ninguém tinha experiência, nem eu nem os outros tínhamos experiência sobre isso. Então, eu fui ao reitor, que nessa ocasião era outro, não era mais o Muniz de Aragão, e propus a ele, levei o programa e digo: “Vamos propor isso.” Ele disse: “Olha, a Universidade não tem dinheiro para implementar isso” Mas fazia parte um americano que levou esse programa a uma instituição americana que topou o negócio para implantar. Então eu disse: “Bom, mando você para os Estados Unidos para você estudar, ver o negócio e implantar aqui.” Eu digo: “Não, eu não quero ir para os Estados Unidos não, que eu já conheço muito bem. Eu quero que uma pessoa dos Estados

Unidos venha para cá para o Brasil, dentro do nosso ambiente, dentro das nossas limitações etc. porque ele não vai trazer, transplantar um programa dos Estados Unidos, que é um país rico, cheio de coisas para a nossa pobreza etc. Eu quero uma pessoa que venha saber as nossas condições de vida.” Eles, então, toparam a história e me mandaram no fim de setembro um camarada que chamava Paul **B????**, que é meu amigo até hoje. **Paul Bourgest????**, era padre, tinha saído.. ele era o segundo homem no Vaticano, ele tinha a chave do quarto do Papa para entrar a hora que ele quisesse. Ele foi representando o Papa, como um emissário do Papa, para vários países da África etc. Ele era importante! E quando o Papa morreu, mudou o Papa, isso... a interpretação é minha, que ele nunca me falou nada disso, eu achei que ele foi posto numa posição secundária. Eu achei. Isso eu achei, que ele não se conformou com isso. Ele era jesuíta, então ele foi ao chefe dos Jesuítas e disse que queria sair da Ordem.

O camarada disse: “Não, você não sai da Ordem, você faz o seguinte: ‘Eu vou botar você como secretário do Cardeal lá em New York e no fim do ano... você vai ficar lá um ano, no fim do ano nós vamos conversar outra vez, se você ainda estiver disposto a gente estudar o negócio.” Ele foi para Nova York e trabalhou lá com o Cardeal etc. no fim de um ano ele voltou e disse: “Não, eu quero sair, não vou continuar... etc.” então saiu, mas continuou como padre. Ele inclusive tinha direito de rezar missa, desde que não fosse em público. E ele então se dedicou a esses programas sociais e foi a personagem que me mandaram aqui, e ele então ficou comigo aqui um ano estudando a coisa e montamos um programa que chamava Centro de Pesquisa de Assistência Integrada a Mulher e à Criança, CEPAIM. Você está vendo eu de cabelo branco?

LM: Estou. Foi por conta disso, Dr. Hélio?

HA: Primeira coisa: nós tínhamos que ter uma participação da comunidade. Eu achava esse negócio de fazer medicina social à custa de esmola que o governo faz, eu acho que não há ninguém mais importante para a sua saúde do que o próprio indivíduo. Esse negócio de dizer: “Saúde é obrigação e dever do Estado.” Isso eu acho uma besteira. Saúde é antes de tudo, obrigação do próprio. Agora o Estado tem obrigação de dar a ele os meios para que ele tenha saúde, está compreendendo? Então nós fizemos um programa que tinha que ter a participação da comunidade que nós íamos trabalhar.

LM: Onde que era essa comunidade, doutor?

HA: Nós tivemos 44, aqui no Rio de Janeiro, nas favelas do Rio. No ano de 1984 nós fizemos 240 mil atendimentos, mas um sistema completamente diferente. Depois isso foi para o Ministério da Saúde, é esse negócio que eles estão querendo fazer aí de maternidade da família.... mas estão cometendo um erro que eu cometi no princípio: não pode ser com médico. Você tem que delegar funções às assistentes sociais que são treinadas. Você tem que começar a ação preventiva a nível da casa do paciente. Então tem que ser feito por umas assistentes sociais que são preparadas para ver quando o sujeito está com uma tuberculose, indicar etc. porque o que acontece é que o nosso sistema assistencial, não é nem regionalizado, uma mulher que mora em Bangu, ouve de uma outra: “Ah,! eu fui atendida lá em Ipanema por um doutor bonzinho, ótimo, gostei dele, atencioso.” Só que tem que a outra está precisando de um otorrino e o doutor de coisa é ginecologista ou é clínico. Então ela vem

lá de Bangu para ser atendida... eu estou exagerando... Então faz essa plethora que você tem. Então precisa haver um sistema de... exclusão. **(reflexivo)** Como é que chama? De triagem. Então você tem que começar a nível do domicílio: se uma agente dessa vai lá e vê uma mulher com tuberculose ela vai lá mandar para o hospital... mas não é essa mulher de tuberculose procurar um ginecologista que não tem nada disso. Então tem, começava a nível de coisa... Depois vinha na unidade de saúde dentro da comunidade, depois o centro de saúde e, por último, o hospital. Porque 80% dos atendimentos que chegam ao hospital, e a plethora, que coisa, é de gente que...

LP: Que não precisa disso...

HA: ...Não precisa ser atendida de outras maneiras, está compreendendo? Então só ia ao hospital, a pessoa que precisava realmente de hospital. Então tinha esse sistema, nós montamos e a comunidade era obrigada... elas tinham obrigações também. Ela é obrigada a nos dar o lugar para trabalhar... você não pode... esse negócio de fazer social esmola, de dizer que o governo vai dar tudo, isso é uma sandice que não tem coisa... o indivíduo tem que participar da sua saúde. Eu fiz... pulando agora o assunto, o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico fez um concurso para apresentar problema de creche e nós tínhamos esse programa, apresentamos o programa ao Banco Nacional de Desenvolvimento porque esse negócio de você fazer uma creche de 20, 30 crianças numa favela, não tem sentido entre parênteses. Para você proteger a criança tem sempre sentido, mas é uma espécie de discriminação pelas outras mil e tanta que ficam sem, então eu achava que, o nosso programa achava, que a comunidade tinha que ser responsável pelas suas crianças. Então elas tinham que ser responsáveis em amparar essas crianças, tomar conta dela e ganhamos o primeiro lugar, o Banco Nacional de Desenvolvimento queria até financiar tudo que nós fizéssemos. Você sabe onde que atrapalhou? Porque essas comunidades, essas favelas elas não são donas do terreno dela.

LM: Ah sim! Elas não têm título de posse.

HA: Então o governo, o Banco Nacional de Desenvolvimento queria... é do patrimônio municipal é do patrimônio federal, então queria que essa situação estivesse resolvida. Então eu fui ao invés presidente... Uh! Agora que eu vou contar um outro episódio engraçado. Então eu fui ao presidente da associação e disse para ele: “Olha, você mexe os pauzinhos, para tirar...” “Ah! O senhor faz isso.” Eu digo: “Não, esse não é o nosso papel, esse é o papel de vocês. Vocês têm que entrar lá.” O Plano morreu, era para você amparar através de medidas todas as crianças das creches, não era 20 ou 30 não, fazer um sistema que abrangesse todas lá.

Falar nisso quando eu estava lá, tomei conta do São Francisco e começamos esse programa, a Universidade saiu fora, não é? E eu fiquei lá com o programa de infra-estrutura, de ter lavanderia, essa coisa toda que não tinha. Então eu tinha que montar uma lavanderia, mas cadê o dinheiro para isso? E eu era amigo do Eudoro Vilela, vocês não sabem quem é Eudoro Vilela. Eudoro Vilela era o dono do Banco Itaú. Era e é. Era porque ele morreu, mas os filhos são os donos do Banco Itaú. E o pai dele, o Eurico Vilela é que tinha adaptado o hospital, de um asilo para o São Francisco, e era também o chefe do serviço lá. Quer dizer, havia um bom

relacionamento. Então eu convidei o Eudoro para vir aqui ao Rio de Janeiro, visitar o nosso programa. Ele aceitou; eu fui buscá-lo no Aeroporto e parti o automóvel e levei ele para dentro de uma favela. Quando eu parei na porta da favela e falei “Vamos entrar”, ele falou: “Você está louco? Vão me raptar aqui. Você...” “Você vai comigo, não vai acontecer nada.” “Mas isso é uma loucura.” Depois de uma discussão de uns 15, 20 minutos ele aceitou. Disse: “Olha lá!” Eu digo: “Vai tranquilo.”

E aí subimos naquela favela que tem ali na Barão de Petrópolis, chama-se **?????** está compreendendo? E fomos subindo, ele foi vendo aquela miséria, aquelas valas, aquelas crianças e os porcos na vala, aquela coisa toda, fomos até lá em cima, apresentei ele ao presidente da Associação dos Moradores, e ele via aqueles camaradas sem camisa, com revólver aqui atrás, e tal, mas depois de um certo tempo que ele foi ele já veio mais tranquilo. Quando nós começamos a descer o morro ele parou numa unidade que nós tínhamos lá, conversou com as mulheres, etc. Parou num boteco, tomou uma cerveja. Quando ele chegou cá embaixo, disse: “O Hélio, você é cliente do Banco Itaú?” “Não sou, não sou não.” “Abre uma conta amanhã que eu vou mandar o dinheiro que você precisa.”

LM: Nossa! Que bom, hein, professor?

HA: Mandou o dinheiro todo, eu comprei todo o equipamento de cozinha.

LM: Para creche?

HA: Para botar lá. E aí há um detalhe: nesse tempo que eu tinha esse programa, com essa influência nas favelas, eu nunca deixei que meu nome aparecesse. Ninguém sabia quem era Hélio Aguinaga.

LM: Por quê?

HA: Vinham esses políticos: “Ô Aguinaga, você quer ser o quê? Quer ser deputado?”, eu digo: “Não quero nada. Quero ajudar esse pessoal.”, eles diziam, “Mas não é possível!”; muitos deles vinham me pedir para entrar no negócio lá. Enfim, mas isso com uma frequência que... “O que você pretende, o que você tem por baixo da sua... O que você está querendo?” “Não estou querendo nada. Eu quero fazer benefício a essa gente.” Mas eles não entendem isso não, mas eles não entendem isso não. Bom, e aí foi... e aí consegui o... mas o meu prestígio era absoluto nas favelas. Quando mudamos lá do São Francisco, nós fornecíamos uma comida, fazia para os funcionários que moravam longe etc., cozinhava e cobrava, dois, três reais. E aqueles camaradas iam comer lá porque era baratíssimo, mas os clientes do coisa, e as mulheres ficaram com medo, que eram aqueles bandidos que vinham lá com revólveres...”

LM: Com revólver atrás. Com revólver assim aqui atrás.

HA: Então. Um dia eu chego está lá, dois lá dentro: “Não é possível! Não admito que vocês entrem aqui. etc. e tal... Ponham-se daqui para fora!” E eles saíram. Todo mundo ficou apavorado: “Dr. Hélio, eles podiam ter lhe dado um tiro aí. O senhor falar... Que loucura!” e tal... Uma vez no **???? Van Erven????** eu estava fazendo uma obra lá... tinha uns sacos de

cimento, os sacos de cimento sumiram. Eu procurei o bandido da coisa, que era o Escadinha. Você ouviu falar?

LM: Nossa! Claro. Claro que eu ouvi falar. (rindo)

HA: Procurei o Escadinha: “Você vai fazer o seguinte: Eu quero esses sacos de cimento lá porque senão eu tiro a minha unidade aqui da favela. Vou-me embora. Se amanhã não aparecer os sacos de cimento que roubaram lá, eu vou-me embora daqui”. No dia seguinte os sacos estavam lá. Estavam lá certinho. Ah! Mas isso não acaba mais, se eu ficar aqui vocês vão ficar o dia inteiro. (rindo)

LM: Mas que tipo de atendimento o senhor fazia nesses centros?

HA: Fazia materno infantil. E aí me deu a maior dor de cabeça! Eu tinha umas 18 atividades que eu fazia, [atividades] preventivas. Das dezoito atividades, existia uma que chamava-se ‘Planejamento familiar’. Eu achava que aquelas mulheres pobres, com 4, 5, 6, 8 filhos, ganhando... porque o camarada fazia o seguinte: ele tinha um filho com uma mulher, um, dois filhos, depois quando a mulher engravidava, ele largava ela com os filhos. Era regra geral! Largava a mulher com os filhos, ia embora e deixava a pobre coitada e o planejamento era coisa necessária, não é? E eu botei no programa. O meu programa tinha o planejamento. Isto foi uma dor de cabeça! Porque duas instituições bem organizadas no Brasil eram contra o planejamento familiar.

LP: Mas como é que era o planejamento familiar?

HA: Eu vou explicar. As duas instituições eram as forças armadas...

LM: E a igreja.

HA: E a igreja católica.

LM: Que até hoje é contra.

HA: E os radicais da esquerda, eram os três que eram contra. E aí fizeram o diabo. Estavam contra mim de todo o jeito. Inclusive fizeram CPI contra mim, lá em Brasília. Lá fui eu para a CPI, para Brasília, presidida pela Benedita da Silva que era senadora naquele tempo, Jandira Feghalli etc. e tal. e me convidaram para uma CPI, que eu estava esterilizando as mulheres negras, que não sei o que, etc. e eu fui lá pra CPI. Nunca disse tanto desaforo. (rindo) Eu não tinha nada a perder.

LM: Mas como que era esse trabalho de planejamento familiar, Dr. Hélio?

HA: Era, primeiro, voluntário; segundo, por esclarecimento. Eu não oferecia o método, oferecia todos os métodos, está compreendendo? A mulher era esclarecida; a maior parte já vinha pré-concebida para fazer ligadura de trompas, então era um trabalho de mostrar a ela que não era necessário, algumas fizeram, eu tinha um serviço de laparoscopia, que, aliás, foi pioneiro no Brasil, mas todos os métodos, desde os métodos Ogino-Knaus, que é o método da tabelinha, está compreendendo? Todos os métodos eu tinha. Então a mulher fazia um curso,

era esclarecida, mostrava como era, tudo direitinho, depois então ela entrava no programa. Isso era uma coisa necessária, mas isso me deu uma dor de cabeça! Eu fui perseguido que vocês não podem imaginar. A não ser esses... Até as forças armadas. Eu fui fazer conferência na Escola Superior de Guerra... porque o Exército, as Forças Armadas, tinham aquela concepção que era preciso ocupar os espaços vazios, que o Brasil tinha muitos espaços vazios, era preciso botar gente, brasileiro lá, para concepção, e tal. E eu fui na Escola Superior de Guerra, fui dar várias conferências, para mostrar que... e afinal a primeira que virou a cabeça foi as Forças Armadas. Eles adotaram lá. O Valdir... Como é que ele chamava? Que era o chefe depois Estado Maior das Forças Armadas?

LM: Valdir Pires? Não.

HA: Não, Valdir Pires era ministro.

LM: Era o ministro da saúde.

HA: Era. Bom, ele também aderiu ao negócio. A Marinha, o Maximiliano que era Ministro da Marinha aderiu, e as Forças Armadas ao planejamento familiar. A igreja católica de uma certa maneira também aceitou a coisa, o método de Ogino-Knaus da tabelinha, enfim, e umas coisas. Agora os radicais da esquerda, foi o que me levaram a CPI: Jandira Feghalli, Benedita da Silva. **(rindo)** E lá a Jandira Feghalli para mim: “Olha, eu sei perfeitamente que o que o senhor faz é fora da lei. Eu tenho uma assessoria jurídica de primeira ordem e já me demonstraram que isso que o senhor faz é crime. O senhor está fazendo uma coisa anti-social, não sei o que.” Eu digo: “Olha, deputada, a senhora acabou de dizer que a senhora tem uma assessoria jurídica, de primeira qualidade, eu aceito isso e acho que a senhora tem. Agora a senhora vai fazer o seguinte, eu estou dizendo aqui o que eu faço. A senhora amanhã, a senhora com essa sua assessoria, a senhora faz um processo penal contra mim porque das duas uma, se a senhora não fizer, ou a senhora é minha cúmplice e está acobertando uma coisa que eu estou fazendo, ou então a senhora não merece o título de deputada como a senhora tem. **(rindo)** A senhora é uma deputada omissa.” Tem isso registrado lá. “Ah, quando chegar a hora o senhor vai dizer que não faz...” “Não, isso está sendo registrado aqui essas minhas palavras estão aqui...” E estão mesmo, lá no coisa... E para a Benedita da Silva, ela era a presidente da CPI. Eu digo: “Presidente, a senhora tem várias coisas a seu favor: a senhora nasceu numa favela, a senhora é de cor negra e pobre e chegou na posição que a senhora está, mas eu quero saber se nessa posição que a senhora está, que é uma posição de destaque, o que a senhora fez para essas povoações, para essa população pobre que a senhora conheceu tão bem quanto eu, sabe muito bem quem são. Eu vejo que a senhora hoje está num vestido de seda que eu acho que é francesa, pelo estilo é francesa. A senhora está com esse vestido, o que a senhora...” “Ah” Não, porque eu fiz na sociedade...” “Não, senhora. A senhora não fez não porque eu conheço essa sociedade. A senhora não sabe nem onde fica...” Falei assim na cara dela: “A senhora está mentindo, a senhora não sabe nem aonde fica.” Não fizeram nada.

LM: Nada ficou provado contra o senhor?

HA: Ninguém fez nada contra mim, mas o meu programa que tinha um apoio financeiro do Fundo de População das Nações Unidas, que foi outra luta... Vocês não acabam mais... **(rindo)** Você sabe, o Fundo de População das Nações Unidas estava disposto a apoiar o programa, mas o governo aqui com aquela mentalidade, não queria. Então, eu um dia conversando com o Leônidas Cortes, que era chefe da Casa de Saúde São José disse: “Cortes, estou com esse problema...” Disse: “Vai ao Guillermo Romano...” Que era o diretor da Casa de Saúde Santa Lucia. “...O Guillermo Romano é amigo íntimo do Golbery do Couto e Silva. Vai conversar com ele.” Eu fui ao Guillermo Romano, disse a ele: Guillermo, eu estou com esse problema, etc. eu queria ir ao Golbery para falar...” Disse: “Não faz mal. Deixa isso. Quinta-feira você vai a Brasília que eu estou lá. Nós vamos conversar com Golbery”, na quinta-feira que ele marcou parti para Brasil, levei o processo. O Guillermo Romano parecia que ele mandava, ele abria a porta do Golbery, entrava lá dentro sem pedir licença sem nada, voltava dizendo: “Ele está atendendo ao ministro, mas diz que vai nos atender em seguida. Serve um cafezinho aqui para o doutor.” **(rindo)** Parecia que ele mandava lá no pessoal. Quando abriu a porta, saiu o ministro, o Golbery nos recebeu, eu levei o processo, ele ficou olhando o processo, eu expliquei tudo que eu estava querendo fazer, ele olhava, me fez uma pergunta. Eu respondi; no ofício ele despachou: “Faça-se, Golbery do Couto e Silva”. Eu saí dali, pôxa, exultante, nunca tinha havido possibilidade de ter acontecido isso porque as Nações Unidas estava disposta, o Fundo de Populações, mas o governo não deixava. Saí, corri para o sujeito que era o representante das Nações Unidas aqui, que era um paraguaio. Fui lá, quando eu cheguei na porta eu digo: “Ele vai morrer de susto quando eu disser que eu consegui.” Quando eu entrei, ele disse: “Já sei que você fez o processo.”, eu disse “Não é possível, eu saí tem 15 minutos do gabinete do ministro e você já sabe!” porque naquela afobação, da excitação que eu estava, eu peguei os óculos do Golbery... **(rindo)** que era igual ao meu. E o Golbery era quase cego e telefonou para lá: “Vou mandar um carro buscar ele.” Ele não podia fazer nada sem os óculos. E aí com esse dinheiro é que eu pude desenvolver o programa e entrar em... e na ocasião no final eu tinha 44 favelas que eu tinha atuação.

PH: E até quando durou esse programa? Até quando durou esse centro?

HA: Quanto é que eu?

LM: Quanto tempo?

HA: 15 anos.

LM: Então 74 mais 15 dá 89.

HA: Quando eu consegui isso, eu criei um inimigo extremamente difícil que foi o Itamarati porque o Itamarati, o Golbery era um homem eminência parda do governo, você sabe. Quando ele botou o despacho passou por cima de todo mundo do Itamaraty. O Itamarati não engoliu isso, não engoliu isso. Quando terminou o projeto que eu tinha com a fundação, nós fizemos aqui uma reunião para ver, o Fundo de População queria continuar com o programa, mas o Itamarati vetou. Aí já não era mais o Golbery.

LM: Era um contexto político bem diferente, não é? Aí não...

HA: Foi... mas é isso. Se vocês forem falar, isso é uma história que não termina mais.

LM: Dr. Hélio...

PH: Pode falar.

LM: Não, eu ia perguntar sobre a produção literária dele.

PH: Então deixa eu fazer uma perguntinha antes. Dentro desse problema de planejamento familiar e de atendimento às mulheres, como que era, existia algum programa específico para a prevenção do câncer de colo do útero e do câncer de mama, ou as mulheres que procuravam atendimento os senhores aproveitavam para...

HA: Nós imprimimos uns panfletinhos que distribuíamos para as mulheres, mas no fim de um certo tempo o nosso programa era o único que funcionava, de modo que era uma plethora que vocês não podem imaginar. Não precisou mais fazer propaganda nenhuma, está compreendo? No princípio nós fizemos, imprimimos uns folhetinhos dizendo que... Vocês vão ver nesse livro que eu dei, está lá o folheto, como era o folheto que esclarecia às mulheres, quais eram os sintomas, como é que elas sentiam, como é que elas tinham que fazer, que nós estávamos abertos no Hospital São Francisco de Assis, etc. e no fim, a única coisa que existia no Rio de Janeiro e que fazia isso éramos nós, então não existia Hospital do câncer, o INCA, nem nada disso existia, isso veio muito depois, de modo que era só era lá e lá existia às quintas-feiras que era o dia todo dedicado... Era uma coisa enorme lá de gente...

LM: Lá no Hospital São Francisco, não é?

HA: Lá no Hospital São Francisco.

LM: E nesse centro de atendimento à mulher e a criança, vocês tinham algum tipo de propaganda para esclarecimento do câncer de colo do útero, da mama também?

HA: Tinha, naturalmente, fazia parte...

LM: Fazia parte do programa?

HA: O programa tinha 18 atividades. Eu falei em uma de planejamento familiar, mas tinha de atenção à gestante, e todas essas.

LM: E inclusive de esclarecimento em relação ao câncer?

HA: De câncer de colo uterino.

PH: E quem eram os médicos que ajudaram o senhor nesse centro, nesse projeto?

HA: Quem?

PH: Os médicos.

HA: Não, os médicos ajudaram, e depois de um certo tempo, eles ficaram empolgados com a coisa, está compreendendo? E quero dizer a você, contar, que quando eu fui obrigado a fechar o programa por questão financeira foi um desastre porque a maioria... eu tive duas coisas. Primeiro os médicos vieram se oferecer para continuar trabalhando de graça e, segundo, as próprias comunidades que vieram se oferecer com dinheiro para fazer a coisa, para continuar o programa, mas duas coisas que eu achava que não dava certo porque você sabe, isso no primeiro mês as comunidades se reuniam e juntavam o dinheiro... Era caro, o negócio custava você ter o dinheiro... o meu programa... tinha um assessor da Organização Pan-americana de Saúde, chamava-se Fernando Urtado que era um médico chileno que eles puseram como assessor técnico do meu programa. Quando o meu programa fechou, ele foi para o Ministério da Saúde, foi dar assessoria, levou todo o nosso programa que hoje é que eles querem fazer, o Programa Saúde da... Como é que chama?

LM: Saúde da Família.

HA: Saúde da Família, o meu programa é o Programa Saúde da Família. Só que eles estão cometendo um erro que eu cometi no princípio. **(rindo)** Eles estão querendo fazer o médico na comunidade. Eu fiz isso, não dá resultado porque o que acontece é o seguinte, o sujeito que é de uma comunidade, ele é tal forma movimentado ali a coisa, está compreendendo? Que ele não quer ir e depois não é isso, de todas as especialidades é um médico só. Vai ginecologia, obstetrícia, gente tuberculosa... Eles não conseguem. Então o que eu fiz? Nessa ocasião eu fiz aquele sistema de delegação de funções e de triagem. Começava... Não quer dizer que a paciente, nesse caso era mulher, tinha que seguir exatamente a burocracia de Gurge. Por exemplo, se a assistente social vê na visita que fazia à casa que uma mulher estava grávida lá de 4, 5 meses, ela não ia passar pelas outras todas, ela ia diretamente enviada para um serviço; se ela encontrava um marido de uma doente que estava tuberculosa, ela arranjava para internar, mas não era ela, ela era assistente social que tinha umas funções limitadas porque ela era treinada dentro daquelas funções porque o negócio do sujeito ficar na favela, lá é um mundo, o sujeito não agüenta porque todo mundo, é desde a gripezinha, da dor de barriga, da criança doente, do sarampo, disso, daquilo... eles não conseguem médico. Eu também fiz esse erro, depois eu tirei os médicos. No princípio você tem que e determinar por gente paramédica, de gente de assistente social ou de gente de enfermagem, auxiliar de enfermagem treinada para fazer e você tem que botar as coisas nos seus devidos, delegar funções, passando por...

LM: Então esse era o perfil das pessoas que trabalhavam com o senhor nesse centro? Basicamente assistente social, auxiliar de enfermagem?

HA: Eu tinha médicos.

LM: Tinha médicos também.

HA: Médicos, tinha assistentes sociais, tinha... Como chama? Dietistas, era completo. Agora só usava esse pessoal quando era... a ação começava a nível de... mas havia uma triagem. Só chegava ao hospital a paciente que realmente precisava de um serviço hospitalar porque 80%

das pacientes que hoje vão procurar um hospital não precisavam ser tratadas em hospital. Fazer vacina, essas coisas todas, está compreendendo? Então essa pleitora, que os médicos ficam afogados nessa coisa... Então havia uma triagem, já ia resolvendo os problemas. Só entrava médico a nível do centro de saúde porque aí tinha atenção à domicílio na unidade de saúde que funcionava dentro da favela, que tinha já umas ações mais aperfeiçoadas, depois tinha o centro de saúde que aí já tinha médico, e depois tinha o hospital que era a última coisa. Então o tratamento ficava no nível... Agora, é muito mais fácil e muito mais barato você ter uma assistente social, ou ter uma auxiliar de enfermagem que você paga um salário e você ter um médico. Você quer pagar um médico 800, 900 reais, ele não fica na favela. E geralmente é o que está falhando aí nessa gente. Eu tive esse erro, quis botar médico, aí eu vi logo que não dava certo e outro erro que eu cometi, que eu corrigi. Eu achei que seria inteligente usar o pessoal da favela para funcionar no serviço. Então recrutar gente da favela para... não deu certo, elas entravam em verdadeira neurose porque não tinham tempo. Eram chamadas, 2h, 3h da manhã todo o tempo aquela coisa. Morando na favela, está compreendendo?

LM: É. Eram muito demandadas, não é? Pela população que queria atendimento.

HA: E entravam em neurose porque elas não podiam dar conta do serviço. E não tinham capacidade também para dar conta. Eu mudei. Gente dessa coisa trabalhava nessa, dessa trabalhava lá... porque não aguentavam. Elas entravam em neurose coitadas porque era o dia inteiro lá era dia inteiro gente atrás dela. E o que mais tinha era coisas que elas não podiam resolver, está compreendendo? Esse era o programa que infelizmente acabou, mas agora está ressuscitando aí no médico de família, mas eles estão cometendo as mesmas besteiras que eu fiz no princípio.

PH: Aproveitando um pouco esse gancho, Dr. Hélio, o senhor acompanhou a reforma sanitária, o movimento pelo Sistema Único de Saúde? Como o senhor enxerga o Sistema Único de Saúde?

HA: Olha, o programa de saúde, o Ministério da Saúde, infelizmente sempre foi ocupado por gente muito medíocre. O Ministério da Saúde era o último a ser... o ministro da saúde era o último a ser escolhido, quando tinha que encher o buraco de um político que precisava do lugar, então ia ser ministro da saúde; os ministros da saúde que eu tive contato, um deles nunca tinha vindo ao Rio de Janeiro, não conhecia o Rio de Janeiro, é aquele Waldir não sei o que... Não me lembro mais o nome dele. Eu: “Mas o senhor sabe aquele hospital...” “Ah não, eu nunca fui ao Rio de Janeiro.” “Como é que o senhor pode ser...”

LM: Valdir Pires? Valdir Pires, não?

HA: Não, Valdir Pires era do Exército [Waldir Arcoverde]. Eu não me lembro mais dele. Aliás, foi uma coisa horrorosa. Um deles, um ministro da saúde foi uma vez lá no México, de planejamento familiar, essas coisas¹... E chegou lá... Isso me contou o embaixador que foi junto com ele, chegou ele se levantou, evidentemente, era um ministro do Brasil, deu a palavra. Primeiro, ele falou em português; o português é túmulo do pensamento humano, porque fora

¹ Conferência Mundial sobre População, realizada na Cidade do México em agosto de 1984.

do Brasil e Portugal não se fala... Não é uma língua internacional, e ele falou em português. Segundo, ele quis se vangloriar, em vez de contar o assunto, o tema da conferência, começou a dizer o que ele fazia no Ministério da Saúde, o que tinha sido, eu fiz isso, eu fiz aquilo, eu abri isso... No fim, foi saindo gente, tinham três pessoas no auditório, três pessoas assistindo. Me contou o embaixador que aguentou até o fim. **(risos)**

LM: Teve que aguentar, não é?

HA: Todos eles eram medíocres, todos eles.

LM: Mas o senhor acompanhou a criação do SUS? Do Sistema Único de Saúde.

HA: Não, SUS, na enfermaria eu tive um convênio com o SUS, não chamava-se SUS nesse tempo.

LM: Era SUDS.

HA: Era INAMPS.

LM: Ah! INAMPS.

HA: Era o INAMPS, eu tive um convênio e foi um dos primeiros. E era **(tosse)** presidente da associação, do INAMPS o Aloysio Sales. **(tosse)** E eu, tinha a enfermaria, tinha o programa, que pagava muito mal, “Ô Aloysio, isso que vocês pagam do SUS, uma intervenção para pagar 80 reais, não é possível.” “Ah, tem gente que...” “Os camaradas que vêm a você aqui, apresentam uma relação de gastos com lucro, você pode estar certo que está roubando, porque eu sei que não dá, o dinheiro não dá para o que vocês estão querendo. Não faz.” E aí o meu programa foi cortado do SUS.

LM: Do INAMPS, não é?

HA: Aí foi engraçado. Eu fui com um rapaz que era meu assistente-chefe, um Fluminense, era um Fluminense doente... ô meu Deus! Memória de velho é isso! Eu volto daqui um pouco. Fomos lá o Aloysio Sales mandando: “Não, você fala com a Dra. Fulana que é encarregada dessas coisas.” Telefonou e marcou uma audiência com a fulana de tal, no escritório as 9h da manhã. Eu e fomos para lá as 9h, chegamos lá, sentamos na sala de espera. Esperamos, esperamos, esperamos, chegou 11h, 11 e pouco eu digo ao... Meu Deus do céu! Parece incrível como a gente tem esses lapsos...

LM: Parece na ponta da língua... (rindo) Mas isso acontece com a gente também Dr. Hélio.

HA: Eu disse a ele, digo: “Olha, você vai embora, eu vou ficar aqui.” Fiquei lá até às 4 horas da tarde, sentado na sala de espera. “Ela tem que sair aqui.” Quando ela saiu às 4h da tarde para ir para casa, eu estava lá na porta ela teve que falar comigo, em pé. “Ah, o senhor sabe, eu tive um dia muito ocupado, não pude lhe atender.” “Não, doutora, eu esperei tudo aqui esse tempo porque eu queria agradecer a senhora a lição que a senhora me deu. A senhora sabe, quando a gente chega a essa idade tem a ilusão que já fez alguma coisa, a ilusão que

representa alguma coisa, então é preciso de pessoas como a senhora que nos possa na humildade nos fazer esperar aqui o dia inteiro para que a gente tenha a impressão que nós somos realmente, o que nós somos. Não somos coisa nenhuma.” **(rindo)**

LM: E ela? (rindo)

HA: Ela saiu e foi embora. **(rindo)**

LM: Não falou nada, saiu e foi embora.

HA: Eu esperei até às quatro horas da tarde ela sair de lá sentada.

LM: Dr. Hélio o senhor escreveu um livro de memórias – Sobre o pai dele, não é? foi isso?

HA: Está aqui. Eu escrevi não.

PH: É esse aqui.

HA: O centenário da coisa... não fui eu. Eu escrevo um capítulo, tem os outros capítulos, vocês vão levar isso. E esse outro que é só sobre gravidez e coisa.

LM: Mas o teve, escreveu outros livros?

HA: Eu escrevi 16 livros fora da medicina.

LM: Fala um pouquinho desses livros.

HA: Eu escrevi um livro que chama-se, ‘Recuso-me a esquecer’, que eu conto mais ou menos essa história, o que foi o tombamento do [Hospital] São Francisco, essas coisas. Comecei como romance, em 1946, chamado ‘Crepúsculo’, esse romance teve duas edições, mas não foi pra frente.... agora fora disso escrevi vários livros de história. Escrevi um sobre a vinda do Pedro Álvares ao Brasil que não se chamava Cabral.

LM: Um outro Pedro Álvares.

HA: Não. Pelo seguinte, naquela ocasião, nessa época só tinha direito de usar o nome do pai, o primogênito e o Cabral, o Pedro Álvares não era... os outros filhos usavam o nome da mãe que era Gouveia. Então quando ele veio ao Brasil, ele chamava-se Pedro Álvares de Gouveia, isso está provado na designação dele do rei: “Nomeio o fidalgo da minha corte Pedro Álvares de Gouveia...” Ele só foi Cabral quando ele foi à Calicute na Índia e voltou, o rei como benesse permitiu a ele que ele assinasse o nome do pai. Então ele passou a ser Pedro Álvares de Cabral; quando ele descobriu o Brasil ele chamava-se Pedro Álvares de Gouveia.

Outro livro que eu escrevi foi sobre a venda do Nordeste. Vocês aprenderam na escola Batalha dos Guararapes, nada disso. A companhia que dominava o Nordeste era uma companhia de ações mesmo como a Petrobras com suas ações, eram as Indias Ocidentais, não é isso? Então era lucro, o sujeito comprava as ações etc. quando eles se instalaram no Brasil no sentido de desenvolver; a Holanda naquele tempo era um país hegemônico no mundo, era a maior

potência que existia era a Holanda. Evidente que houve a Batalha de Guararapes, mas depois eles se situaram na cidade de Recife que tinha um porto, eles eram alimentados pelo mar, e iriam se demorar o resto da vida ali no Recife, mas aí eles entraram num acordo com os portugueses e o Nordeste foi vendido então a eles em 10 toneladas de ouro, inclusive o Brasil entrou com esse ouro todo. Daí eles saíram, receberam as tais 10 toneladas de ouro e tal e saíram, portanto, o Nordeste foi vendido, não foi nada de vitória dos Guararapes, nem nada disso, o Brasil foi vendido. Saíram duas expedições de Recife, uma que foi para o Caribe, e a outra com o dinheiro que tinham recebido, o ouro do Brasil, compraram uma ilha no norte, que eles foram para o norte, e fundaram uma cidade chamada New Amsterdam. O que é isso? Que ilha é essa? É ilha de Manhattan, e New Amsterdam era Nova York. Nova York antes de chamar-se Nova York chama-se New Amsterdam.

LP: Então o senhor gosta de história?

HA: Gosto da História, estou escrevendo... Tem aí em cima... Eu estou lendo um livro. Não está aí? A menina tirou, muito interessante. Acabei de ler um, sobre uma mulher que doou, uma negra, em Baltimore...

LP: Ah, ela está lendo.

PH: 'A vida imortal e Henrietta Lacks' . Eu estou lendo.

HA: Você está lendo?

PH: Estou lendo.

HA: É um livro interessante.

PH: Muito bom.

HA: Bem feito. Bem feito.

PH: É. Bem interessante mesmo.

HA: Eu estive em Baltimore. Nessa ocasião eu... Naquele tempo que eu estive lá, foi em 1940, 41, havia essa segregação do preto, as enfermarias de preto eram de um lado, perto do branco; nos ônibus, o preto tinha que ficar no fundo, está compreendendo? E por um acaso vou contar a vocês uma coisa: fui visitar os pacientes do médico que era chefe da clínica, me levou para ver os pacientes deles, uma gentileza que ele fez, aí eu fui junto com ele. Sabe quem é que estava internado lá e que eu fui visitar? O Clark Gable e a mulher dele. Ele um senhor já com a cabeça branca e mulher dele era, como é que se chama? A mulher que estava internada, ele estava fazendo companhia à ela...

LM: Clark qual é? É o do 'E o vento levou', não é?

HA: É. Ele é. Clark Gable. Como é que ela chamava, meu Deus? Não sei. E ele me levou para visitar as clínicas, uma gentileza, eu acompanhava e teve um interessante episódio. Eu fui convidado pela universidade de Columbia, em Nova York, para ir lá fazer uma visita etc. e fui

lá. Quando eu cheguei lá, eles estavam discutindo como tinha crescido as despesas do cuidado médico. Estavam discutindo uma forma de diminuir as despesas que estavam muito altas. Aí eu aventei a hipótese e disse: “Vocês aqui têm um desperdício, vocês jogam todas essas capote, jogam, tudo isso fora.” Ele disse: “Não, não. Isso é mais barato porque se você for lavar, fica mais caro do jogar isso tudo fora.” É mais barato. Eu digo: “Ah bom!” Aí o chefe do serviço me levou para o consultório dele, entrou uma moça dos seus 34 anos, bem posta, bem falante, inteligente, ele perguntou e ela descreveu o que ela tinha, o que ela estava sentindo com uma perfeição, com uma habilidade enorme etc. O médico examinou, depois deu uma lista desse tamanho de exames dela... pápápá.. e eu assisti aqui tudo. Quando ela saiu, eu digo: “Fulano, você não sabia o que essa mulher tem?” “Ah! Sabia, desde o princípio.” “Mas você botou aqueles exames todos para que?” “Ah, se eu não pusesse ela é capaz de ter alguma coisa, me acionar e eu ser preso por causa dela..” “Agora eu sei porque a medicina está cara.”

LM: Prevenção, não é? (rindo) É por isso. Tem que cercar de todos os lados.

HA: O diagnóstico estava na cara, como se diz, está entendendo? Ele pediu uma lista de exames como medo que faltasse alguma coisa e que ela viesse...

LM: Que ela tivesse outra coisa e o acionasse.

HA: E viesse a acioná-lo.

LM: Que louco! Por isso que estava caro, não é?

HA: Estava caro. Eu digo: “Agora eu sei porque a medicina aqui está cara. Porque vocês desperdiçam aqui o dinheiro.” Mas eu tive a satisfação dos Estados Unidos entrar na guerra... Vocês sabem disso, e eu vim para o Brasil. Quando eu cheguei aqui no Brasil, recebi uma carta... Isso é eu contando vantagens já, não é? É a vaidade... (rindo) Vocês desculpem, a vaidade a gente tem que ter mesmo.

LM: (rindo) Pode contar. A gente deixa.

HA: Recebi o Norman Miller que era o chefe do departamento que eu tinha trabalhado, me convidando para ir trabalhar nos Estados Unidos como membro do Departamento, que eles estavam em guerra e os médicos todos tinham... eles estavam com falta de gente. Então me escreveu uma carta me oferecendo para ir trabalhar como membro efetivo, mas nesse tempo eu já estava envolvido com o São Francisco, com eu pai, mandei uma carta agradecendo e não fui, mas fiquei satisfeito. A vaidade vai lá e volta, a gente vai lá em cima, não é? (rindo)

LM: É sempre bom um reconhecimento, não é? É sempre bom.

HA: Por é isso. Vocês já cansaram? (Risos)

PH: Mas se o senhor quiser falar mais alguma coisa, tiver mais alguma história para contar.

HA: Não, se vocês dispensar para eu contar eu fico aqui o dia inteiro. **(rindo)** Você sabe eu fiz 65 anos de formado. Não, 55 anos de formado... não, 65 anos de formado, já tenho mais de 65 anos de casado, com a mesma mulher, hein!

LM: Fez Boda de diamante.

HA: Não existe mais, diamante é o último.

E: É 70.

HA: Não, diamante é o último. Não tem, 65 não tem. Nós festejamos esse ano 65 anos de casado e aí foi no Mosteiro de São Bento aonde nós nos casamos. E a coisa engraçada é que o padre lá, não fez uma missa especial não, fez uma missa comum. No final ele falou umas palavras que nós estávamos lá, 65 anos. A igreja toda bateu palma. **(risos)**

LM: É porque não se vê mais isso, não é? Professor, é por isso.

PH: Não se vê mais isso, é uma raridade.

HA: 65 anos de casado. Poxa!

LM: É muito tempo, é uma vida inteira mesmo.

HA: Uma família como eu tenho, graças a Deus.

LM: Que bom!

PH: Tem que ter orgulho mesmo.

HA: Bom, já que você tocou... Quem é falou aí? Eu vou dá a vocês um livro para cada uma. O que você quer? Quer Pedro Álvares Cabral, A venda do Nordeste, ou ...

LP: A da memória. Como que é o nome, resgate...

PH: Recuso-me a esquecer.

LM: Então vamos terminar? Obrigada professor pela entrevista.

HA: Eu acho que recuso-me a esquecer é o que eu tenho menos... Tenho poucos, eu vou lá ver quanto é que tem, enquanto isso vocês comem mais um biscoitinho...

LM: Está bom.

Fim da entrevista
